



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Jaciane Maria da Silva

**A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO POVO DE
TERREIRO EM PERNAMBUCO NA ÉPOCA DA VIRTUALIDADE**

RECIFE

2025

Jaciane Maria da Silva

**A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO POVO DE
TERREIRO EM PERNAMBUCO NA ÉPOCA DA VIRTUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Alex Giuliano Vailati

RECIFE

2025

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Jaciane Maria da.

A Preservação da memória e do patrimônio cultural do povo de terreiro em Pernambuco na época da virtualidade / Jaciane Maria da Silva. - Recife, 2025.

94f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2025.

Orientação: Alex Giuliano Vailati.

Inclui referências.

1. Religião; 2. Malunguinho; 3. Audiovisual; 4. Quilombo; 5. Jurema Sagrada. I. Vailati, Alex Giuliano. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

Jaciane Maria da Silva

**A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO POVO DE
TERREIRO EM PERNAMBUCO NA ÉPOCA DA VIRTUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Antropologia.
Área de concentração: Antropologia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alex Giuliano Vailati (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof. Dr. Renato Athias (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof. Dr. Miguel Colaço Bittencourt (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

RECIFE
2025

*Que mata é essa,
Que nela eu vou entrar,
Que nela eu vou entrar,
Junto com os meus “caboclinhos”?
É do Reis Malunguinho,
Tira estrepe do caminho,
Para o seu povo poder passar!*

(FK Feiticeiro, 2022).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos do Quilombo Cultural Malunguinho (QCM) por terem me ajudado neste processo de aprendizagem, principalmente a Alexandre L'Omi L'Odò por ter me acolhido em sua casa desde o início e por ter me proporcionado a experiência que, com toda certeza, fez parte do meu aprendizado tanto profissional como pessoal, além de todos que fazem parte da casa das matas do Reis Malunguinho. Meus sinceros agradecimentos a Hildo Leal por ter cedido um pouco do seu tempo para me mostrar os documentos oficiais referente a Malunguinho, assim como me proporcionar uma aula maravilhosa sobre o assunto.

Agradeço a João Monteiro pelos diálogos, assim como a meu amigo Feliz Cavalcante por ter me convidado a participar da gravação do seu EP Visual, me proporcionando a observação participante de uma produção de audiovisual na prática. Joana Flor por ser tão prestativa e se disponibilizar para falar sobre sua trajetória religiosa. Gratidão a minha amiga Tina e sua mãe dona Zefá, uma das juremeiras mais antigas do bairro da Várzea, por me acolher em uma fase de profunda dificuldade, elas cuidaram de mim e cuidam até o momento atual, agradeço a espiritualidade por colocá-las em minha vida.

À minha mãe, Elza Maria da Silva, por sempre apoiar às minhas escolhas e decisões, assim como às minhas irmã, Fernanda, à minha sobrinha Andressa e ao meu cunhado Leonardo, em especial a minha irmã Rilda, que sempre me incentivou e, que nos momentos mais difíceis, a gente sempre se manteve firme, nossa frase preferida: “a gente nunca conseguiu nada fácil” nos fortalece resistindo às dificuldades. Obrigada por tudo! Vocês são à base da minha vida e sem vocês nada seria possível.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alex Vailati, agradeço por estar presente nas orientações de forma constante, sempre me ensinando e incentivando a superar todos os desafios. Gratidão pela paciência e compreensão, por não desistir de mim apesar das dificuldades. Sou grata pelas conversas e incentivos, por ter me ajudado a passar pela fase mais difícil da minha vida. Aos Professores Dr. Renato Athias e Miguel, por terem aceitado participar da banca, examinar e colaborar com esse trabalho. À Profa. Conceição Lafaette, por quem possuo uma grande afetividade e que, desde o início, fez e faz parte da minha história de vida acadêmica.

Agradeço ao Projeto Ori-entação e a professora Jeiza por ter feito parte desse projeto, que foi essencial nessa trajetória no PPGA, me proporcionando conhecer pessoas incríveis como Crislaine Vensceslau, que foi minha parceira de estudos antes e durante o mestrado. Agradeço, também, ao meu amigo Maurilio Nogueira, amizade que levarei para a vida, um

ser puro e com uma espiritualidade incrível, um amigo que compartilhamos informações, diálogos, dúvidas e sempre prontos para nos ajudar.

Meu amigo Fabio Cruz, que fez parte da minha trajetória no mestrado, uma amizade que começou de forma online, mas que não impediu que fosse uma amizade sincera, enquanto por questões relacionadas a um episódio de depressão. Trazer esse relato é fundamental para quando futuramente ler essa dissertação lembrar o quanto sou uma mulher forte, lembrar-me de tudo que passei e conquistei, e que ninguém melhor do que eu mesma para ter orgulho da minha trajetória, que mesmo enfrentado um episódio de depressão e crises de ansiedade durante a escrita dessa dissertação e que me fazia ficar cada vez mais isolada, ele se manteve firme e forte ao meu lado, agradeço a Deus e a espiritualidade por ter colocado você em meu caminho. Gratidão, amigo.

Um agradecimento especial à FACEPE por ter me proporcionado a bolsa do mestrado durante dois anos de curso, foi o que proporcionou minha permanência na Pós-Graduação, pois sem esse investimento seria impossível dar continuidade a minha dissertação. Obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto de análise a produção audiovisual realizada pelo Quilombo Cultural Malunguinho (QCM). A partir do acervo audiovisual disponibilizados nas redes sociais, com a proposta de compartilhar conhecimentos sobre as religiões afro-indígena-brasileiras refletindo sobre a importância desses movimentos na conquista por espaços e reconhecimento da Jurema Sagrada, e principalmente entorno da figura de Malunguinho, que vem sendo reconhecido pelos praticantes da Jurema como um líder quilombola, que fortaleceu a luta por liberdade da população negra em Pernambuco no período da escravidão. Dessa forma, a partir da pesquisa etnográfica das produções audiovisuais disponibilizadas, foram analisadas a linguagem audiovisual utilizada e as dinâmicas de produção. Portanto, essa dissertação, busca trazer informações para o desenvolvimento de incentivos culturais e educacionais para a população praticante das religiões afro-indígenas-brasileira a partir do seu reconhecimento e visibilidade da figura de Malunguinho, como um líder histórico que esteve à frente do maior Quilombo localizado em Pernambuco e que continua a sua luta na memória e prática religiosas de seu povo.

Palavras-chave: Religião; Jurema Sagrada; Malunguinho; Quilombo; Audiovisual.

ABSTRACT

This research has as objective to analyse the audiovisual production carried out by Quilombo Cultural Malunguinho (QMC). From the audiovisual collection available on social media with the proposal to share knowledges about Brazilian afro-indigenous religions to reflect under the importance of these movements at the conquest for recognition of the Jurema Sagrada specially around Malunguinho's figure, recognized as a Quilombola leader by the Jurema practitioners, which strengthened the struggle for freedom of the black population in Pernambuco, through the slavery time. Thereby from this ethnography research, from those allowed audiovisual productions, where analysed the audiovisual language used so the dynamics of production. Therefore, this dissertation, seeks to bring informations to development of cultural incentives and educational for the population practicing afro-indigenous-Brazilian religions from this acknowledgment and visibility from Malunguinho's figure, as a historic leader who was in charge of the biggest Quilombo in Pernambuco and which continues his struggle on his people's memory and religious practices.

Keywords: Religion; Jurema Sagrada; Malunguinho; Quilombo; Audiovisual.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Convite.....	20
Figura 2 - Projeto Caminhos de Malunguinho	20
Figura 3 - Primeira postagem sobre Malunguinho na internet	22
Figura 4 - Repercussão da Lei Malunguinho	24
Figura 5 - Manchete de repercussão da Menção Honrosa do Kipupa Malunguinho	26
Figura 6 - Mobilização contra racismo religioso.....	45
Figura 7 - Em cena.....	55
Figura 8 - Bebida jurema sendo servida em uma quenga de coco	59
Figura 9 - Bebida Jurema sendo servida em um ritual indígena	59
Figura 10 - Foto do Juremeiro Manoel.....	60
Figura 11 - Foto de Mãe Biliu	61
Figura 12 - Calunga gigante de Malunguinho	63
Figura 13 - Bloco dos Catimbozeiros	63
Figura 14 - Frame do filme Malunguinho	65
Figura 15 - Cena representando os quilombolas ao redor do fogo.....	71
Figura 16 - Miró da Muribeca cena retirada do curta metragem.....	71
Figura 17 - Fachada Arquivo público.....	73
Figura 18 - Arquivo público	74
Figura 19 - Foto de Alexandre, Joao e Sandro retirada do Documentário Malunguinho.....	74
Figura 20 - Estreia do filme no Cinema São Luiz	78
Figura 21 - Foto Estreia do filme no Cinema São Luiz.....	78
Figura 22 - Foto público na Estreia do filme no Cinema São Luiz	79
Figura 23 - Foto Alexandre, Sandro, Joao, Felipe e etc.	79
Figura 24 - Print de comentários	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMP	Articulação Musical Pernambucana
APEJE	Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
QCM	Quilombo Cultural Malunguinho
SHM	Serviço de Higiene Mental
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO AO CAMPO.....	11
2	QUILOMBO CULTURAL MALUNGUINHO	16
2.1	A JUREMA SAGRADA E SUAS RAIZES INDÍGENAS	26
2.2	A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DO QUILOMBO CULTURAL MALUNGUINHO.....	32
3	MÍDIAS SOCIAIS E O QUILOMBO CULTURAL MALUNGUINHO: PESPECTIVAS TEÓRICAS DE UM OBJETO ONLINE	34
3.1	A INFRAESTRUTURA DO PONTO DE VISTA DO PENSAMENTO SISTEMÁTICO E DA TECNOPOLÍTICA	38
3.2	ACERVO ONLINE QUILOMBO CULTURAL MALUNGUINHO.....	47
3.2.1	<i>Lives</i>	47
3.2.2	<i>Vídeos</i>	49
3.2.3	<i>Filmes/Documentários</i>	56
4	A POLÍTICA E A POÉTICA DAS INFRAESTRUTURAS DO CURTA- METRAGEM E DO DOCUMENTÁRIO DE MALUNGUINHO.....	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
	REFERÊNCIAS.....	88

1 INTRODUÇÃO AO CAMPO

O interesse em relação aos estudos da Jurema Sagrada surgiu a partir de um processo que envolve as minhas inquietações pessoais.¹ Meu primeiro contato com as práticas da Jurema surgiu em um terreiro de umbanda, ainda na adolescência, quando conheci a religião acompanhando minha mãe, que, além de frequentar a religião, também foi adepta de outras religiões, como a casa da benção, protestantismo entre outras. Como se não bastasse ter que acompanhá-la nesses espaços, também ficava à disposição dos vizinhos que sempre estavam dispostos a levar eu e meus irmãos para as igrejas e doutrinas espirituais que eles frequentavam.

Nesse viés, minhas lembranças em relação às experiências em espaços religiosos enquanto criança são as melhores possíveis, isso porque, como a maioria das crianças que vivem na periferia dos grandes centros urbanos, a religião, ou seja, as práticas religiosas estão presentes no cotidiano das comunidades. Isso através de atividades e de brincadeiras realizadas dentro das instituições religiosas (aqui não especifico uma única crença), pois são vários seguimentos religiosos que se veem nessa função. A igreja é considerada, socialmente e historicamente em alguns espaços, o meio de salvação para que as crianças e os jovens não entrem na criminalidade.

Trago a reflexão sobre a questão da minha relação com a espiritualidade para essa dissertação por acreditar que o ingresso no mestrado se deu no começo da pandemia de Covid-19, um período difícil para todos devido ao isolamento social. Foi justamente nesse período de isolamento que me vi em torno da questão espiritual, especificamente, para mim, enquanto escrevia esse texto, me via rodeada de conflitos internos, não entendia o motivo de tantas dúvidas, tantas questões, tantas perguntas, que não tinham respostas, conflitos que se estenderam até a conclusão da escrita desta dissertação. Ao concluir a escrita desta pesquisa, passei a acreditar que nenhum ser humano está livre de passar por um momento de crise, que faz parte do processo da natureza humana e das relações sociais, principalmente em momentos de conflitos e crises globais.

Durante esse processo, lembrei-me das conversas com Dona Teresa (Dona Teresa, ou melhor, Mãe Teresa, como a chamava, era a mãe de santo do terreiro Ilê Ase Baba), quando falava que eu era muito teimosa em querer sempre respostas para tudo. E foi nesse momento

¹ Nesta seção, utilizarei a escrita em primeira pessoa por se tratar de uma narrativa pessoal.

que comecei a entender um pouco a espiritualidade e as práticas religiosas, através das categorias de religião e da coesão social que tanto lia no texto de Durkheim (2007, p. 3):

Esses tipos de conduta ou de pensamento não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, quer não. Certamente, quando me conformo voluntariamente a ela, essa coerção não se faz ou pouco se faz sentir, sendo inútil.

Deste modo, pude me aproximar das pessoas do terreiro de outra forma. Pude, de fato, compreendê-los em suas singularidades e a solidariedade que envolvia a todos, mesmo que de início tivesse sido à distância através das redes sociais, que tanto cresceram e se desenvolveram durante a pandemia através de incentivos do Governo Federal. O mesmo também investiu em atividades de massa realizadas virtualmente, entre elas as religiosas, como vamos nos aprofundar durante a escrita desta dissertação.

Nesse sentido, pretendo através da abordagem dada à antropologia dos estudos das religiões, oferecer ferramentas que explorem essas questões que trataremos a seguir. O primeiro contato com a Jurema Sagrada ocorreu entre os anos de 2017 e 2018, a partir de pesquisa para um trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Ciências Sociais, quando comecei a frequentar o terreiro de candomblé Ilê Ase Baba, um terreiro de nação Ketu, lugar que fui acolhida por mãe Teresa de Oxalá, uma pessoa muito sábia que me trouxe muitos ensinamentos que ultrapassaram a religiosidade.

Em sua casa, eu era conhecida como a menina de Ewa, uma Orixá guerreira dona de meu Orí. Naquele momento, não compreendia muito bem o significado do Orixá, estava cheia de entusiasmo e curiosidade sobre o mundo das religiões afro-brasileiras, sempre pronta para questionar ou perguntar o porquê de tudo que acontecia no terreiro. Assim, a partir desses questionamentos, ela uma vez me chamou e disse: “você questiona demais. Na religião, a gente não questiona nada, a gente só aceita a nossa missão”.

A partir dessa fala e experiência no terreiro de nação Ketu, procurei entender as questões em torno dos conflitos que envolviam as práticas da Jurema Sagrada nos terreiros e comecei a pesquisar, através de leituras e artigos, livros e etc. No entanto, foi através das redes sociais do grupo Quilombo Culturais Malunguinho (QCM) e da produção audiovisual realizada por eles que encontrei o objeto desta dissertação, momento em que pude conhecer um pouco mais sobre a Jurema Sagrada. Foram esses arquivos disponibilizados na internet que segundo os organizadores do QCM, serviram de suporte para contribuir e dar visibilidade

às práticas culturais e religiosas da Jurema Sagrada, religião que teve suas práticas reelaboradas dentro do Candomblé e da Umbanda.

Sendo assim, mesmo com vários trabalhos de pesquisas realizado nos terreiros, como: Cultos afro-brasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social (Ribeiro, 1952); Sincretismo religioso afro-brasileiro (Valente, 1955); Imagens do nordeste místico: em branco e preto (Bastide, 1945); O negro brasileiro (Ramos, 1940); e Pesquisas etnológicas na Bahia (Herskovits, 1967). Esses terreiros que também eram conhecidos como Xangô Pernambucano, às práticas da Jurema Sagrada, que naquele contexto chamava-se de “Catimbó”, sempre relacionado à feitiçaria, foram invisibilizadas durante muito tempo, por ser considerada uma prática de pajelança, que teve uma grande repreensão por conta do estado nacional. Diante disso, essa temática é um dos assuntos que trataremos nessa dissertação, para que, assim, possamos entender o fenômeno que vem ocorrendo ao longo do tempo em torno da Jurema Sagrada.

O grupo QCM, em conjunto com alguns adeptos, já vinha com essa discussão no tocante à legitimidade das práticas da Jurema Sagrada e seu reconhecimento enquanto uma religião com práticas e simbologias próprias. Além de suas discussões e debates sobre a figura de Malunguinho, que podemos afirmar, através de dados observados no campo de pesquisa, é uma figura muito conhecida pelos praticantes dessa religião, sendo “Malunguinho que abre as giras de Jurema”, assim sendo reconhecido como o Reis, porque são vários líderes quilombolas, como veremos mais adiante.

Desta forma, o que também estava sendo trazido para o debate era a figura de Malunguinho como um líder Quilombola. Segundo seus praticantes, foram descobertos documentos históricos em que aparece citado o nome de Malunguinho como o líder do Quilombo do Catucá. Segundo relatos, Malunguinho foi uma das principais preocupações do governo da província, que pediu sua cabeça para que o Quilombo do Catucá fosse destruído e acabasse com a resistência dos negros no estado de Pernambuco.

Assim sendo, como método, foi realizada observação participante com visitas regulares à instituição, já que o primeiro contato com o grupo QCM se deu em 2018, por conta de pesquisas anteriores, e vem se estendendo até o momento atual. Ademais, entrevistas com os líderes religiosos que participaram da fundação da instituição e adeptos que participam das atividades do terreiro e têm trabalhos audiovisuais em relação à Jurema Sagrada. Logo, os relatos e as informações passadas por esses atores sociais foram analisadas em conjunto com as bibliografias disponíveis.

Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa consiste em compreender como grupos religiosos minoritários, como aqueles praticantes da Jurema Sagrada, que vêm ao longo do tempo se destacando no cenário público, se articulam através das novas mídias sociais como YouTube, Instagram, Facebook, entre outros, para conquistar seu espaço de fala no combate ao racismo e à intolerância religiosa contra as religiões afro-indígenas-brasileiras.

Assim, visa-se analisar como o imaginário sobre o grupo é reconfigurado ao longo do tempo através de um levantamento bibliográfico, além de jornais, imagens, documentos e materiais a partir da época de criação do QCM. Como também analisar a linguagem audiovisual utilizada e as dinâmicas de produção, como são feitos e escolhidos os conteúdos postados pelo grupo, o tipo de produção, personagens, técnicas de filmagens e planos de enquadramentos, assim como analisar as estratégias discursivas adotadas nas produções, relacionando as entrevistas e as teorias para analisar os discursos desses atores e agentes sociais.

Dessa forma, esta dissertação foi dividida em quatro capítulos. O trabalho inicia com o capítulo 1, a introdução ao campo. No capítulo 2, realizamos um levantamento bibliográfico a partir de livros, artigos, dissertações, jornais e redes sociais cujo tema tem relação com os estudos voltados para as religiões afro-indígenas-brasileiras em geral. Ademais, para compreender o espaço que a Jurema Sagrada vem ocupando ao longo do tempo, foram realizadas visitas ao Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) para analisar algumas documentações históricas referentes à figura de Malunguinho.

Para a análise, elaboramos um breve resumo sobre o estudo das religiões afro-brasileiras, que teve a influência de estudiosos como Carvalho (1998), o qual analisou documentações da primeira metade do século XIX e, sobretudo, a questão da liberdade, e sua descoberta sobre a figura de Malunguinho (Carvalho, 1998). Também, Alexandre L’Omi L’Odò (2017) traz, por meio de sua dissertação, a visibilidade que Malunguinho vem ganhando através dos seus adeptos nas redes sociais.

Ademais, Lima (2022) apresenta um contexto atual sobre a Lei Malunguinho, a partir da “Semana de Vivência e Prática da Cultura Afro-pernambucana”. Assim como outros estudiosos das religiões afro-indígenas-brasileiras que foram fundamentais para a visibilidade da Jurema. Desse modo, trataremos um breve contexto histórico sobre a Jurema Sagrada a partir de teóricos como Nina Rodrigues, Artur Ramos, Roger Bastide, Gilberto Freire e René Ribeiro, Roberto Motta, entre outros, já que, a partir desses autores, serão expostos os principais debates em torno das religiões afro-indígenas-brasileiras.

No capítulo 3, daremos uma ênfase maior nas redes sociais do grupo, como Facebook, Instagram e YouTube, abordando a antropologia da infraestrutura para analisar as redes sociais do grupo, trazendo o conceito de infraestrutura de Larkin (2020) e Star (2020). Assim como Cesarino (2020), para analisar a infraestrutura da internet no Brasil, e Miller *et al.* (2012), debatendo sobre a importância da pesquisa online e off-line, para nosso objeto de pesquisa, além da contribuição de vários outros autores que abordaremos mais adiante. Nesse sentido, o objeto escolhido para ser analisado foram os materiais audiovisuais disponibilizados pelo QCM no YouTube, para que, assim, fossem realizados o mapeamento e a catalogação através de descrições do material para uma análise posterior.

No capítulo 4, abordaremos a produção audiovisual do filme e do documentário Malunguinho a partir da realização de análise das produções audiovisuais Malunguinho - Curta-Metragem e Malunguinho - Documentário para TV, sobre as chaves analíticas da antropologia da infraestrutura de produção e reprodução. Esse filme foi lançado no Cinema São Luiz, localizado em Recife, Pernambuco, que é considerado um dos cinemas de rua mais antigo do país. O dia de escolha do lançamento coincide com o dia da consciência negra, dia 20 de novembro, que teve a participação de pessoas de comunidades tradicionais com a sala lotada, como poderá ser visto através das fotos do dia do evento nesse capítulo. Por fim, traremos as considerações finais.

2 QUILOMBO CULTURAL MALUNGUINHO

O Quilombo Cultural Malunguinho (QCM) é um espaço cultural e religioso localizado em Olinda, Pernambuco. Originalmente, se chamava Grupo de Estudo Malunguinho, uma vez que foi inicialmente idealizado com o objetivo de estruturar um grupo de estudo. A ideia de fundar o grupo surgiu após uma pesquisa no Arquivo Público Estadual Jordao Emerenciano (APEJE) de Pernambuco, na Rua do Imperador Dom Pedro II, no centro do Recife, fundada por Alexandre L'Omi L'Odô², João Monteiro e Hildo Leal da Rosa³.

Nesse sentido, este trabalho surgiu devido à descoberta histórica do professor Marcus Joaquim Maciel de Carvalho⁴ (1998) na sua pesquisa de doutorado em História, na qual analisaram documentações da primeira metade do século XIX e, sobretudo, a questão da liberdade dos negros daquele período intitulada “Os Malunguinho do Recife”, publicada no livro “Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo: Recife, 1822-1850”.

O autor encontrou no APEJE um documento afirmando que, no conflito armado entre as forças militares do governo e dos Quilombolas, foi morto o chefe do Quilombo Malunguinho (Carvalho, 1998). Esse é um dado importante para os adeptos da Jurema por trazer a comprovação que a figura de Malunguinho existiu de fato enquanto líder quilombola e resistiu como um guerreiro que foi apagado da história de luta dos negros em Pernambuco.

O Quilombo Malunguinho, como era mais conhecido, na verdade, era o Quilombo do Catucá, localizado onde hoje é conhecido como Pitanga II, em Abreu e Lima. Formado por pequenos núcleos ligados, chamados de mocambos. O Catucá, ao todo, ocupava espaços na mata que iam desde Recife, passando por Olinda, até chegar à Paraíba:

O quilombo de Malunguinho situava-se, ou melhor, distribuía-se, no meio de um feixe de estradas que ligavam o Recife e o hinterland da Zona da Mata seca, a área rural de maior densidade populacional da província, na qual vivia uma população livre bastante diferenciada. A situação era ideal para os ataques dos quilombolas que se dividiam em vários grupos espalhados pelas matas. Conforme ditassem as necessidades do momento, agiam em conjunto ou separadamente (Carvalho, 2010, p. 179).

² Alexandre L'Omi L'Odô - Graduado em história e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e coordenador do Quilombo Cultural Malunguinho, localizada em Recife (PE).

³ Hildo Leal da Rosa - Graduado em história pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e em Turismo pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Atua como historiador e pesquisador do Arquivo Público de Pernambuco (APEJE).

⁴ Marcos Carvalho - Professor Titular de História da Universidade Federal de Pernambuco. Ph.D em História pela University of Illinois at Urbana – Champaign (1989).

Dessa maneira, através desses documentos encontrados no APEJE, foram descobertos vários relatos sobre a existência desse Quilombo que era uma das principais preocupações do governo da província de Pernambuco naquela época. Dentre esses documentos, segundo Hildo Leal da Rosa, paleógrafo e um dos funcionários mais antigos do APEJE, relatou que, ainda, foi encontrada uma documentação que data do final do século XIX e início do XX, de um acervo disponibilizado referente à Secretaria de Segurança Pública, que fala sobre o Beco de Malunguinho, localizado no bairro de Afogados.

Essa documentação, por ter sido analisada em uma dissertação e com pouco tempo para concluir, não pôde ser analisada com um aprofundamento maior, ficando para trabalhos futuros. Nos relatos, não se sabe se há ligação com Malunguinho histórico ou o divino, dado que, até então, os praticantes da Jurema Sagrada só conheciam o Malunguinho religioso, que é cultuado em suas giras. O que se sabe, a partir desses documentos, é que a figura de Malunguinho histórico teve um papel importante na história da resistência negra em Pernambuco: “O próprio espaço da resistência negra era muitas vezes chamado de quilombo de Malunguinho. Foi ele quem estava à frente da ameaça de invasão ao Recife, em 1827, secundado por Valentim e Manuel Gabão, cujas cabeças também estavam a prêmio” (Carvalho, 2010, p. 184).

Diante disso, Malunguinho, o líder do Quilombo do Catucá, lutou e resistiu ao longo do tempo, sendo homenageado pela Jurema Sagrada, que traz não o Rei Malunguinho, mas os Reis Malunguinhos, no plural, visto que homenageia todos os chefes líderes do Catucá, que resistiram e entraram para a história de Pernambuco. Malunguinho era o nome que se dava ao chefe do Quilombo. Então, todas as vezes que um Malunguinho, ou seja, o chefe do Quilombo do Catucá era morto em combate, outra pessoa ocupava seu lugar e assumia o mesmo nome de “Malunguinho”. Com isso, sabe-se que Malunguinho provém de “*m’alungu*” ou “*mualungu*”, Malungo no Brasil, que provém da língua Kimbundo, significando “companheiro da mesma condição”, “companheiro de bordo” (Lima, 2022, p. 54).

O último Malunguinho que consta nos documentos oficiais foi João Batista. Segundo Lima (2022, p. 40):

Malunguinho como um dos mártires que se encantaram anunciando a contra colonização até (principalmente) na pós-vida, visto que as manifestações do (s) Malunguinho(s) mantêm a força de resistência do Catucá que julgaram ter apagado com o assassinato de João Batista, último Malunguinho notificado pelo estado pernambucano, decapitado e esquartejado em 1835 nas terras de Maricota, na época domínio administrativo de Igarassu, atual município de Abreu e Lima/PE.

Nesse viés, a partir desses documentos oficiais que comunicam a existência do quilombo Malunguinho, do líder com o mesmo nome e, conseqüentemente, da morte do João Batista, o último Malunguinho, que a atenção dos adeptos dos cultos afro-indígenas-brasileiras voltou-se ao assunto. Sobretudo, àqueles ligados à Jurema Sagrada, que começam a ter um interesse entorno dessa informação, a fim de que se comprove a existência de um Malunguinho histórico. Isso porque os mesmos consideram que, sendo comprovada a existência, é um dado que pode dar legitimidade às lutas e reivindicações de políticas públicas futuras, como aconteceu com a Lei Malunguinho, que se entrará em detalhe adiante.

Hildo Leal da Rosa, que naquele momento era funcionário do APEJE, é um dos fundadores do QCM. Ele foi o primeiro a informar a Marcus Joaquim Maciel de Carvalho que existia uma figura espiritual dentro da Jurema que se chamava Malunguinho e que provavelmente essa figura seria a mesma que estava registrada nos documentos oficiais. A partir dessa descoberta, alguns atores religiosos, entre eles João Monteiro e Alexandre L'Omi L'Odò, chegaram à conclusão que esse fato dava legitimidade a suas lutas e reivindicações entono das praticas espirituais da Jurema Sagrada.

Assim sendo, o Malunguinho da Jurema, que tem o poder de tirar os estrepes do caminho, é, portanto, a recriação simbólica do próprio Malunguinho do Catucá: o verdadeiro Rei das Matas de Pernambuco (Carvalho, 2010). Nesse contexto, foi observado, tanto no livro de Carvalho (1998) como em conversas informais com Hildo Leal da Rosa, Alexandre L'Omi L'Odò e João Monteiro, em muitos dos escritos encontrados nesses documentos, que também podem ser observados nas entoadas cantadas nas reuniões, que o assunto se tornou um fator relevante que ligaria a figura de Malunguinho histórico ao Malunguinho divino.

Isso porque podem ser observados nos documentos técnicas de guerrilhas conhecidas como “estrepes”, usadas naquela época, sendo feitas com paus pontiagudos e colocadas em pontos estratégicos cobertos por matos, bem como podem ser observadas em algumas das entoadas mais cantadas nas reuniões de Jurema: “Malunguinho portão de ouro Malunguinho portão de espinho/Cerca, cerca, Malunguinho, tire os estrepes do caminho” ou “Na mata só tem um é o Rei Malunguinho/O Rei dos espinhos. Na mata é Malunguinho”.

Essas entoadas foram cantadas e disponibilizadas por Hildo, que tem um arquivo pessoal com fotos de jornais, anotações, panfletos e matérias de revistas. Foi a partir desse primeiro contato que foi possível aprofundar os estudos a partir do Malunguinho histórico e divino, como era chamado o QCM no início de sua formação:

Depois que tudo acabou Malunginho entrou na cultura popular, tornando-se uma entidade no culto da Jurema Sagrada. Entidade poderosíssima, a única que se apresenta como caboclo, mestre ou exu. Subir ao panteão das divindades é talvez a maior homenagem que um povo pode prestar aos seus heróis (Carvalho, 2010, p. 187).

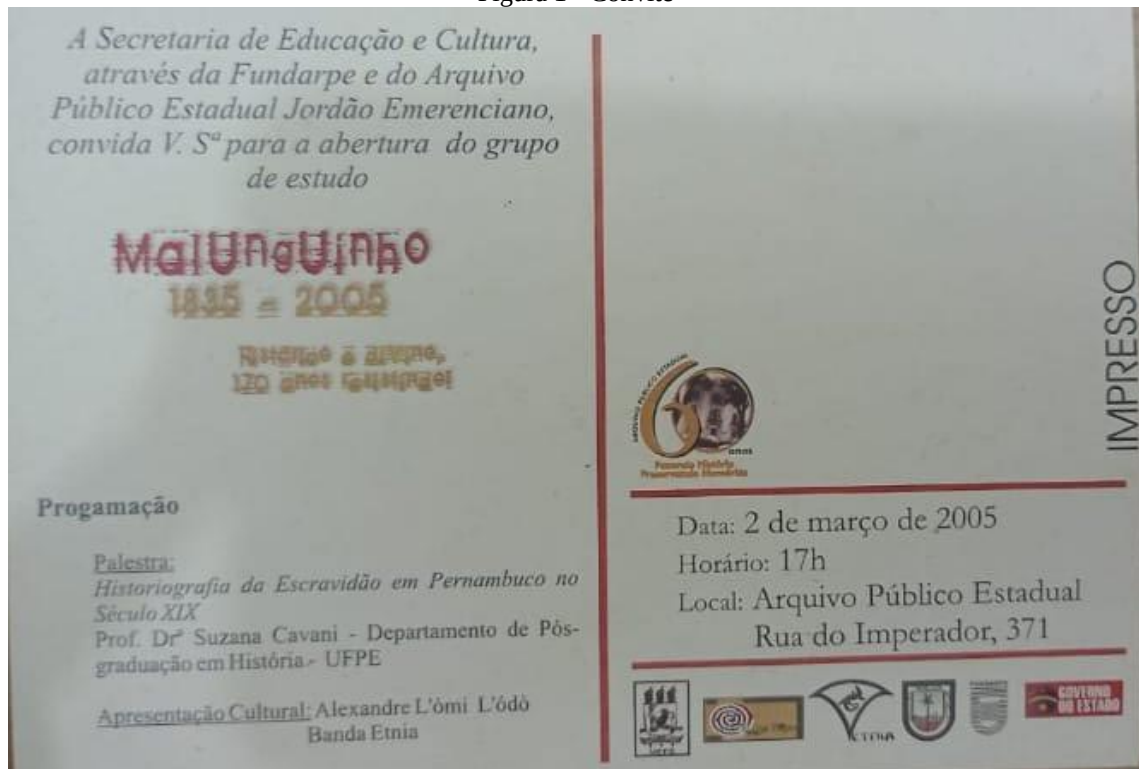
Corroborando com a fala de Carvalho, Alexandre L’Omi L’Odò (2017, p. 113) traz, através de sua dissertação, a visibilidade que Malunginho vem ganhando através dos seus adeptos nas redes sociais:

O Malunginho histórico, único líder quilombola deificado no Brasil e integrado ao panteão da jurema, não era conhecido pelos religiosos. A partir da veiculação de notícias expedidas nas redes sociais (Orkut, YouTube, blogs e posteriormente Facebook) que divulgam o QCM- sobre a história real desta divindade-, houve uma mudança na forma de pensar do povo da jurema. Seus integrantes começaram a perceber que suas entidades e divindades também tinham valores históricos e místicos, assim como os Orixás, Vonduns, Inkisses, Eguns, etc.

Algo importante que foi observado em conversas com esses atores religiosos é que eles consideram que o fato de ter sido um acadêmico da universidade a ter descoberto a existência da figura de Malunginho nos documentos oficiais dá validade e científica as suas lutas. Portanto, sempre enfatizam a importância da descoberta feita por Marcus Joaquim Maciel de Carvalhos, principalmente pelo fato de ser um professor pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e não um líder religioso. Eles consideram que isso fortalece e legitima a descoberta.

Desse modo, como foi relatado através das entrevistas, em determinado momento, o grupo que sempre fez parte do movimento negro, juntando professores e pessoas que tinham interesse na história, foi se reunindo dentro do APEJE para se aprofundar nas pesquisas. Com isso, foram realizadas várias atividades, entre elas: palestras, conversas, cursos, atividades educativas, que, segundo Alexandre, tinham o intuito de trocas de saberes, sendo uma das formas de fazer e trazer outra perspectiva de estudos. Diante disso, segundo relatos, foi pensada como estratégia unir acadêmicos às pessoas do terreiro - como uma mãe de santo ou um pai de santo -, o Prof. Marcus Carvalhos e vários líderes religiosos que têm um alto prestígio em Pernambuco, como se pode observar na figura 1, o primeiro folheto confeccionado pelo QCM.

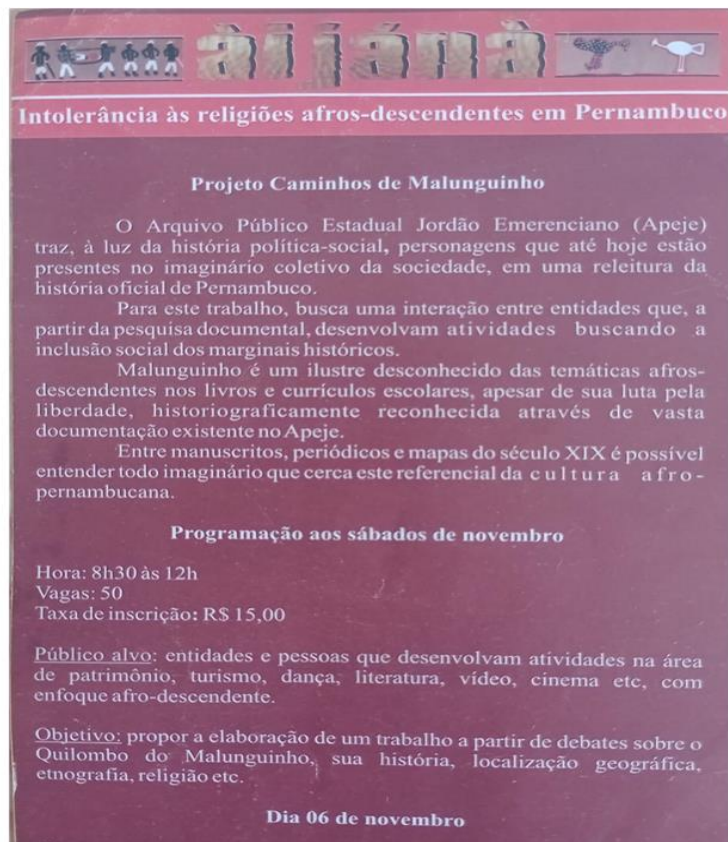
Figura 1 - Convite



Fonte: Arquivo pessoal de Alexandre L'Omi L'Odò (2023).

A Figura 1 apresenta o primeiro folheto que, na verdade, era um convite para a inauguração do projeto, confeccionado e divulgado pelo QCM, quando ainda se encontrava nas dependências do APEJE. Uma dessas primeiras palestras foi o Projeto Caminhos de Malunguinho, como se pode ver na figura 2. O Projeto Caminhos de Malunguinho tem por objetivo o combate à intolerância religiosa através de palestras para um público-alvo que trabalha com atividades desenvolvidas em várias áreas e que tenha o foco na questão afrodescendente.

Figura 2 - Projeto Caminhos de Malunguinho



Conforme L'Omi L'Odò e João Monteiro, em conversas informais, uma das estratégias do grupo para a realização dessas palestras tinha por objetivo aproveitar pessoas (pesquisadores ou líderes religiosos) que estavam em passagem pelo Recife. Assim sendo, todo o grupo que articulava os eventos fazia movimentações através de suas redes de contato para convidar essas pessoas para participarem do grupo de estudo a fim de discutir textos, falar de suas experiências, etc. Dessa forma, ao longo do tempo, segundo seus fundadores, observou-se que o grupo já tinha crescido bastante, se tornando uma instituição para além de um grupo de estudos e que, portanto, passaria a chamar Quilombo Cultural Malunguinho (QCM).

Sendo assim, com o objetivo de aproximar-se da história dos antepassados, uma publicação de L'Omi L'Odò trouxe um texto sobre o Malunguinho histórico, guerreiro e sua história no Quilombo do Catucá, ou melhor, Quilombo de Malunguinho, como era descrito e documentado pelas províncias de Pernambuco naquela época figura 3. Esse foi um dos primeiros trabalhos referentes diretamente à Malunguinho disponibilizado na internet, visando agregar pessoas que querem reverter o processo do racismo e o combater através de informações.

Figura 3 - Primeira postagem sobre Malunguinho na internet
DOMINGO, 20 DE JULHO DE 2008



Fonte: L'Omi L'Odò (2008a).

Nesse contexto, durante esses anos de existência do QCM e até mesmo antes de ser oficializado com esse nome, segundo relatos de seus organizadores, se configura como protagonista nas discussões em pesquisas sobre religião afro-indígena-brasileira, povo de terreiro, cultura e reparação para a causa negra e indígena. Um dos eventos realizados pela instituição, que deu a maior visibilidade ao seu trabalho, foi o Kipupa Malunguinho. O evento é um encontro nacional de juremeiros e juremeiras que propõe a união do povo de terreiro para preservar as práticas culturais e religiosas. Esses encontros, que acontecem uma vez por ano, iniciados a partir de setembro de 2006, são frequentados por milhares de adeptos provenientes de diversos terreiros da Região Metropolitana do Recife e do interior de Pernambuco, assim como caravanas de outros estados, como Alagoas, Paraíba, Ceará, São Paulo, etc. O evento é realizado na mata, onde, segundo arquivos históricos, era localizado o antigo Quilombo do Catucá Pitanga II, Abreu e Lima.

O Kipupa é um termo Kimbundo que significa união, agregação de pessoas em prol de um único objetivo (QCM, 2009). Segundo os seus organizadores, o QCM visa propostas que

abordem conteúdo que fortaleça o povo de terreiro. Nesse sentido, promovem atividades voltadas à educação, como aulas, palestras e a celebração, em que acontece a conclusão da semana de vivência e prática da cultura afro-indígena. No evento, são realizadas trilhas ecológicas na mata do Catucá com alunos de escolas públicas, fortalecendo a Lei nº 11.645 que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira em todas as escolas públicas e particulares do Ensino Médio e Fundamental (Brasil, 2008).

Da mesma forma, fortalece a sancionada Lei nº 13.298/17, referente à Lei Malunguinho, que foi revogada pela Lei nº 16.241/17, referente à Semana Estadual da Vivência e Prática da Cultura Afro-Pernambucana, que acontece entre o dia 12 a 18 de setembro, bem como as leis municipais de Recife (Lei nº 18.562/19), como se pode observar a seguir.

INSTITUI NO CALENDÁRIO OFICIAL DO RECIFE A SEMANA MUNICIPAL DA VIVÊNCIA E PRÁTICA DA CULTURA AFRO-INDIGENA PERNAMBUCANA.

O povo da cidade do Recife, por seus representantes, decretou, e eu em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1 Fica instituída a semana do dia 18 de setembro como a Semana Municipal da vivência e prática da cultura afro-indígena Pernambucana, como reconhecimento ao histórico líder quilombola Malunguinho cuja morte foi notificada em 18 de setembro de 1835.

Art. 2 As comemorações da Semana Municipal da Vivência e Prática da Cultura Afro-Indígena Pernambucana, ocorrerão anualmente no período de 12 a 18 de setembro.

Art. 3 A Semana Municipal da Vivência e Prática da Cultura Afro-Indígena Pernambucana poderá ser comemorada através da realização de atividades sobre:

I - História da África e História afro-Brasileira, indígena e dos povos e comunidades tradicionais;

II - Cultura de resistência do povo negro e indígena no Brasil;

III - História das religiões de matrizes africanas e indígenas;

IV - História dos Quilombos e povos indígenas no Brasil e em Pernambuco;

V - Racismo, discriminação e preconceito étnico racial em instituições de ensino, áreas e equipamentos públicos;

Art. 4 Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5 Revogam-se as disposições em contrário.

Recife, 15 de março de 2019

GERALDO JULIO DE MELLO FILHO

Prefeito do Recife

Projeto de Lei nº 371/2017 autorias do Vereador Ivan Moraes (Recife, 2019).

Assim como a Lei de Olinda (Lei nº 5.591/17) e a Lei de São Lourenço da Mata (Lei nº 2.285/09), que versam sobre a semana da vivência e prática da cultura afro-pernambucana, sendo um dos principais objetivos de luta e reivindicação dos fundadores do QCM e demais movimentos sociais. Essa foi uma grande conquista, porém continua sendo cobrada aos entes públicos que seja de fato efetivada, dado que, mesmo que a Lei exista colocá-la em prática dentro das escolas continua sendo uma luta diária para combater o racismo religioso.

Lei Malunguinho, trilhou desde 2007. Idealizada pelo QCM –Quilombo Cultural Malunguinho (coletivo oficialmente criado em 2005 a partir do Grupo de Estudos Malunguinho), proposta pelo deputado estadual Isaltino Nascimento (atual membro do PSB), e sucessivamente homologada, a Lei tem uma proposta de educação contra hegemônica, destacando a luta de encontro ao racismo religioso, epistêmico e a obrigatoriedade de uma Semana de Vivência e Prática da Cultura Afro-Pernambucana nas escolas do Estado, transformando Malunguinho histórico e divino no símbolo de uma pedagogia antirracista e intercultural (Lima, 2022, p. 31).

À vista disso, a Lei Malunguinho se tornou uma conquista para todo povo praticante das religiões afro-indígenas-brasileiras no combate a intolerância religiosa. Sendo assim, através da figura 4 é possível verificar os atores religiosos na Câmara dos Deputados para a aprovação da Lei Malunguinho.

Figura 4 - Repercussão da Lei Malunguinho
QUARTA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 2008

Malunguinho, primeira Divindade Negra Espiritual a ter uma lei estadual!



Sabemos e é claro que Pernambuco em sua história, tem uma dívida gigantesca com todo povo negro e afro descendente, além dos indígenas que hoje ainda sofrem com as percas de suas terras.

Mas é bom saber, que um guerreiro do passado (especialmente do século XIX), vem tomando por lei os seus direitos de ter sua história reconhecida pelo mesmo Estado que o assassinou, e também uma reparação a todos de seu Quilombo, os Quilombolas de Malunguinho, os Quilombolas da nossa Mata Norte dos meados do XIX, século de revoluções e transformações nacionais.

Fonte: L'Omi L'Odò (2008b).

Dessa forma, tanto a Lei Malunguinho, que se pode considerar uma conquista sem precedente para o povo afro-indígena-brasileiro, outra grande conquista do QCM é o Kipupa Malunguinho, com sua grandiosidade, seja pelo número de participantes, ou pela importância

que o evento vem ganhando ao longo do tempo, se tornando uma forma de peregrinação de seus adeptos pela região de difícil acesso para se chegar à mata, onde segundo relatos era o local que estava instalado o Quilombo de Malunguinho, conhecido nos documentos oficiais como Cova da Onça.

Sendo assim, pode-se confirmar que Kipupa é um evento que entrou na história do povo de terreiro do Brasil, sendo hoje o maior evento brasileiro do povo de terreiro, reunindo pessoas tão diversas em um dia inteiro de atividade, trazendo pesquisadores de diversas partes do país. Segundo Alexandre L'Omi L'Odò, através do Kipupa, tira-se a Jurema do ostracismo e esquecimento, já que ela sempre esteve presente, contudo imperceptível e silenciada. Por isso, a maioria dos trabalhos que eram voltados para a Jurema, antes chamados de “Catimbó”, a descreviam de forma pejorativa.

No entanto, atualmente, existem diversos trabalhos acadêmicos sobre a Jurema Sagrada. Esse processo de acessibilidade às redes sociais foi fundamental, pois contribuiu e abriu os caminhos, na academia, ocupando esse espaço de poder para fortalecer o povo, descolonizando as estruturas impostas pela ideologia dominante da academia.

Esses movimentos culturais e religiosos articulam-se a partir de eventos, como o Côco, encontro de Maracatus, Caboclinhos e tantas outras formas de manifestações culturais que fazem parte da cultura pernambucana, como se pode verificar na figura 5. O kipupa é um dos eventos realizado pelo QCM em que se conta com uma maior visibilidade, sendo reconhecido como o maior encontro de juremeiros e juremeiras já realizado, que hoje em dia incorporam também os encontros virtuais e a circulação de informações e afetos em redes sociais virtuais.

Figura 5 - Manchete de repercussão da Menção Honrosa do Kipupa Malunguinho



Fonte: L'Omi L'Odò (2019).

Kipupa Malunguinho recebe menção honrosa no 4º PRÊMIO AYRTON DE ALMEIDA CARVALHO DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PERNAMBUCO 2018. A Secretaria de Cultura do Estado – Secult-PE e a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Fundarpe, tem o prazer de comunicar a Vossa Senhoria que a ação intitulada: XIII Kipupa Malunguinho, inscrita sob vossa representação, recebeu, por iniciativa da Comissão de Análise, a Menção Honrosa na categoria PROMOÇÃO E DIFUSÃO, em reconhecimento às contribuições para a preservação do patrimônio cultural do nosso Estado (L'Omi L'Odò, 2019).

Todos esses eventos são organizados em prol da visibilidade e reafirmação da existência dos povos de terreiro e parte de uma identidade cultural de Pernambuco. Tendo em vista toda a conjuntura racista e preconceituosa que se organiza dentro da sociedade brasileira, esses grupos articulam-se em busca de resistência e permanência na esfera cultural, política e social pernambucana.

2.1 A JUREMA SAGRADA E SUAS RAIZES INDÍGENAS

Para adentrar no universo da Jurema, se faz necessário trazer alguns autores, fazendo um breve resumo e contextualização a partir de algumas teorias que contribuíram ao longo do tempo com os estudos entorno dessa religiosidade. Jurema nome dado a uma árvore do sertão que também é conhecida como Jurema preta (*mimosa hostilis benth*) e a branca (*Vitexagmus castus*). A Jurema Sagrada, religião de matriz indígena, para Assunção (2006), teve suas práticas produzidas a partir do contexto das religiões afro-indígenas brasileiras. A Jurema não

teve a mesma atenção voltada para as suas tradições, pois, na época, era associada à feitiçaria por estudiosos como Nina Rodrigues, que defendia uma ideia de pureza africana, ideia que também foi seguida pelos pesquisadores do Serviço de Higiene Mental (SHM) de Pernambuco, sendo, desse modo, considerada impura.

Seu ritual é “culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico curativo, baseado no culto dos ‘mestres’, entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos dos antigos chefes do culto como juremeiros e catimbozeiros” (Assunção, 2006, p. 19). Como é possível observar, a Jurema é uma religião de origem indígena, cultuada pelos Tupis, Xucurus, Pancararus, Potiguara, Tabajaras, entre tantos outros. Esses povos habitavam as regiões do Nordeste brasileiro.

Contudo, Pinto (1995) mostra que já existiam vestígios dos hábitos da Jurema pelas tribos indígenas do século XIX. Um importante registro datado do século XIX sobre a utilização da Jurema é feito por Koster (1978 apud Pinto, 1995). Em sua estadia na cidade do Recife, foi-lhe dito que os indígenas se mantinham fiéis aos seus costumes, dentre eles o ritual secreto onde estes se reuniam, em cabanas, para dançar e beber Jurema, que ele descreve como sendo usadas “[...] nas festas sagradas dos indígenas, especialmente nos ritos secretos. Faziam uma bebida de efeito estupefaciente, determinando sonhos [...]” (Koster, 1978, p. 327 apud Pinto, 1995, p. 38).

Portanto, a Jurema é uma religião de origem indígena que, com o tempo, sofreu interferência dos povos europeus e africanos que chegaram com a colonização. Segundo o antropólogo Motta (2005, p. 285), “[...] na evolução histórica do Catimbó-Jurema, elementos europeus, africanos e neoliberais tenham se acumulado em torno de traços incontestavelmente indígenas”. Por outro lado, conforme Salles (2004), a Jurema é uma religião de origem ameríndia cultuada especificamente no Nordeste que cultua entidades, como mestres e mestras, reis e rainhas príncipes e princesas, cacique e índias.

Deste modo, pode-se dizer que o culto da Jurema se dá por incorporações de espíritos de antepassados que retornaram em forma de seres encantados para trabalhar e auxiliar os mais necessitados através dos mestres juremeiros. Como cita Pinto (1995, p. 28), “pôde-se constatar que o culto da Jurema é caracterizado pela incorporação de entidades de mestres e caboclos e pelo uso ritual da bebida e do fumo”. Dessa maneira, a Jurema tem um profundo conjunto ritualístico que compõe, entre seus elementos, o fumo e o consumo da bebida Jurema, sendo fundamental para que se haja um contato com o sagrado.

À vista disso, a Jurema tem rituais próprios e, está dentro das religiões afro-brasileiras, possuindo pouca visibilidade na maioria dos ambientes. Contudo, pode-se reforçar que a

Jurema Sagrada não teve a devida relevância voltada para seus estudos, visto que era classificada como feitiçaria e deveria ser combatida através de repreensão e perseguições dos seus discípulos: “O interesse pelo fenômeno da Jurema aparece muito tardiamente entre os estudiosos da religiosidade popular no Brasil” (Salles, 2004, p. 100). Mesmo sua presença nos candomblés de caboclo, registrada por Artur Ramos (1988), Manuel Quirino (1988) e Edison Carneiro (1991), passa quase despercebida e ignorada por esses autores.

A Jurema é separada em duas ramificações: a Jurema branca e a Jurema preta, que se diferenciam pelo uso de sangue em seus rituais. “Na jurema branca não há imolação de animais, apenas se é utilizado o sangue vegetal (plantas maceradas) para consagrar, curar ou fazer ‘trabalhos’ espirituais” (L’Omi L’Odò, 2017, p. 169). Suas práticas são feitas através de rituais de possessão, onde é utilizada a bebida Jurema, que é feita com diferentes ervas consideradas sagradas, que faz com que os médiuns se comuniquem com o mundo espiritual.

Considerada por aqueles que utilizam como portadora de um efeito mágico curativo, o culto da Jurema distingue-se pelos seguintes aspectos: “o transe mediúnico configurado pela presença de entidades espirituais; ingestão da bebida jurema e limpeza pelo fumo. Quanto às entidades, é necessário salientar que podem ser antepassados místicos” (Pinto, 1995, p. 28). O culto da Jurema se dá por meio das entidades que vêm em terra para cuidar e orientar os mais necessitados.

Nesse sentido, o reino da Jurema é distribuído em cidades encantadas que são simbolizadas por taças, nas quais é colocada água, dado que a água é essencial, pois sem água não há vida. Suas entidades encantadas são caracterizadas por seres sobrenaturais, espíritos de antigos curandeiros e curandeiras, indígenas, que depois de terem cumprido sua missão em terra e ido para o plano espiritual, voltam em formas de mestres para curar os mais carentes por ajuda de modo que seus rituais são compostos por ervas medicinais, frutas, incensos, perfumes e fumaças.

O cachimbo é essencial para os mestres, dado que, através dos médiuns, fazem o processo de cura nos fiéis. Na Jurema, por possuir a maior parte de seus centros em bairros periféricos, os juremeiros não cobram os atendimentos, pois se trata de um dom; todos os juremeiros já nascem com a ciência. “Para descobrir se a pessoa já nasceu com a Ciência ou não, o povo da jurema fala que antes de nascer, a criança já dá sinais, ou as entidades falam que a criança, estando ainda no ventre da mãe, nascerá para cumprir a missão da Jurema” (L’Omi L’Odò, 2017, p. 167-168).

Dessa forma, existe no Catimbó-Jurema tradicional uma distinção bem demarcada em que de um lado há mesa branca e do outro a Jurema de chão, que pode compreender a

invocação cantada dos espíritos, mas não dançada. E, por outro lado, o toré (palavra de origem Tupi), que implica justamente na dança e na festa (Motta, 2005).

Assim, para compreender o fenômeno de invisibilidade da Jurema Sagrada durante tanto tempo, é preciso um curto resumo sobre os estudos das religiões afro-brasileiras, que teve a influência de pesquisadores como: Nina Rodrigues, Artur Ramos, Roger Bastide, Gilberto Freyre, René Ribeiro, Roberto Motta, entre outros. A partir desses autores - que não se irão estender muito seus debates, levando em consideração que o interesse e foco da pesquisa são os trabalhos de audiovisual que estão disponibilizados na internet -, chegar-se-á conclusão que um breve levantamento bibliográfico é de suma importância para entender o processo de exclusão da religiosidade conhecida como Catimbó e que hoje é popularizada como Jurema Sagrada.

O principal debate entorna das religiões afro-indígenas-brasileiras privilegiam duas correntes de pensamento. Uma defendida por Nina Rodrigues, onde os estudos do negro eram realizados através do conceito biológico (Silva, 2017), uma corrente de pensamento que também foi seguida por Artur Ramos, que contava com grande prestígio no meio acadêmico quando se tratava de estudos voltados para a população afro-brasileira. Outra corrente de pensamento era defendida por Gilberto Freyre, que, junto com o SHM, em Pernambuco, teve uma importância fundamental para a preservação e manutenção das práticas religiosas afro-brasileiras (Pereira, 2017).

A partir dessas duas correntes de pensamento, é possível compreender ou trazer para o debate a invisibilidade da Jurema Sagrada, visto que, ao ter que defender uma ideia de pureza para proteger as práticas do antigo Xangô pernambucano, que sofria com grande perseguição aos seus adeptos na época, os estudiosos que faziam parte do SHM tiveram que optarem por algumas categorias de pureza, assim, definindo quais eram os rituais e casas religiosas que poderiam funcionar naquela ocasião.

O que tem que ser levado em consideração ao tratar-se desse assunto é o contexto que esses autores estavam inseridos na época, um período de grande mudança e repressão policial. Desse modo, a Jurema Sagrada foi considerada impura e suas práticas foram extintas, ou seja, como pode ser comprovado por estudos mais recentes, foram reelaboradas na Casa de Xangô e Umbanda. Essa pode ser uma das linhas de pensamento para justificar a invisibilidade da Jurema Sagrada por tanto tempo.

Por conseguinte, a partir de uma pesquisa do Ministério do Desenvolvimento Social de combate à Fome e da UNESCO, no ano de 2010, citada por Garone (2018), no qual se

realizou um mapeamento dos terreiros, foi visto que as práticas da Jurema sempre estiveram presentes dentro das demais religiões. De acordo com L’Omi L’Odô (2017, p. 20-21):

Entre os mais de 1261 terreiros mapeados no último censo (2010) feito pelo MDS (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome) e UNESCO em Recife e Região Metropolitana, a jurema figura como a religião mais significativa. Ela está presente em mais de 70% dos templos pesquisados [...] no último campo “Recife”. Sua expressiva presença (em 896 terreiros) foi auto identificada por mais da metade dos sacerdotes entrevistados, que também por razões históricas e culturais, assumiram ter dupla pertença religiosa, também praticando o culto aos orixás no mesmo espaço (ou candomblé, ou “xangô” e/ou umbanda).

Mas que, por demandas históricas, não tinham sido observadas enquanto uma religião com práticas e símbolos próprios. A Jurema Sagrada, segundo Assunção (2006, p. 23) consiste em “entender o contexto em que ele se realiza, em que condições como se efetuam e se estabelecem as relações das diferentes práticas religiosas em um mesmo campo religioso”. Desse modo, percebe-se que a Jurema Sagrada tem seus rituais próprios e está ganhando espaço no meio acadêmico, saindo do campo da magia e sendo ratificada enquanto religião, com seus símbolos e rituais próprios, e suas práticas diversas.

A esse respeito, considera Rodrigues (2014, p. 85): “Embora grande parte dos juremeiros sejam, também, candomblecista e/ou umbandista, essas religiosidades não se misturam nos espaços físicos dos terreiros, mas se tocam na politicidade dos corpos”. Assim como para Bastide (2006), trata-se da coexistência de dois cultos, cada qual permanecendo autônomo em relação ao outro. Isso porque, como já exposto, os adeptos da religião afro-indígena-brasileira não se definem em uma única pertença, assim podendo ser candomblecista, umbandista e juremeiro.

Sobre as roupas, pôde ser observado, em visitas ao campo, que é um item muito importante para os juremeiros, em especial para os fundadores do QCM, assim criando uma identidade juremeira própria da instituição, que pode ser definida pelas lideranças religiosas ou até mesmo pela entidade, que vai ser o patrono da festa. Isso ocorreu com a festa de Reis, que é a atividade religiosa da Jurema Sagrada voltada para Malunguinho que ocorre todo dia 06 de janeiro, data conhecida popularmente como dia de reis. Onde ele mesmo (incorporado em seu discípulo), meses antes, em uma reunião, disse como queria que fossem realizadas as vestimentas. Um pedido especial feito para os adeptos era que todos os frequentadores usassem um lenço igual ao que a entidade usa em seu pescoço, pedido esse que todos fizeram questão de atender.

Em eventos realizados dentro e fora das instituições, a escolha da roupa é de grande relevância, como se pode verificar nas imagens e vídeos disponibilizados nas redes sociais. A escolha é pensada e discutida com os juremeiros/adeptos bem antes dos eventos, em relação ao tipo de tecido e cor das roupas. É instruído que, preferencialmente, tentem seguir as paletas de cores que são disponibilizadas pelos integrantes, dado que, em sua maioria, são de tecido de chita, normalmente muito estampados, com flores e folhas coloridas, como se pode verificar na citação:

[...] suas roupas geralmente são bastante coloridas, confeccionadas em sua maioria com o tecido de chita, e outros como lamé e cetim, que os preços são mais acessíveis e conseqüentemente mais alcançáveis aos juremeiros e juremeiras. A roupa tem representatividade a vibração e a vida da natureza, com muitas flores, animais e outros motivos geográficos que horas pode lembrar pinturas tradicionais, indígenas ou desenhos africanos. Estas características se divergem em termos das vestimentas do povo do candomblé, que se usam muito mais de tecidos brancos, em especial cambraia bordado, gripe, tecidos africanos e outros mais caros, como tule bordado (L'Omi L'Odô, 2017, p. 200).

Desse modo, os símbolos religiosos incluem desde objetos materiais até uma infinidade de elementos, como a própria natureza em si. Para a análise sobre esses símbolos religiosos, traz-se o conceito de Geertz (2008), onde significado e símbolo são termos-chave para a compreensão e “leitura” das culturas. Segundo o autor, símbolo é “objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como veículo a uma concepção” - a concepção é o significado do símbolo (Geertz, 2008, p. 67). Os ornamentos, as roupagens e as músicas são símbolos do que seria às religiões de matriz afro e também indígenas, como o Candomblé e o Catimbó Jurema.

Para Asad (2010), a religião necessariamente se conecta ao poder; espaços de poder que permitem a prática religiosa e sua consequente transmissão de valores de vida, sentir e agir. Quando as igrejas levantam uma cruz (um dos símbolos mais potentes da religião católica) ao topo das igrejas ou quando saem em mutirões e vigílias pelas ruas em procissão, é porque ali há confluências de poder que permitem a prática.

Para praticar outra expressão religiosa, é preciso que haja motivação para tanto, no caso de uma religião marginal e criminalizada, esta passa a ser símbolo de resistência, como se pode confirmar através do cruzeiro-mestre que tem o formato semelhante de uma cruz, um símbolo muito comum nos terreiros de Jurema, “Interpretar a cruz unicamente como símbolo cristão é apagar uma série de outras pertencas que tem nesse formato significados outros para além do sacrifício e salvação da humanidade por Jesus” (Lima, 2022, p. 86). Assim como o

Kipupa Malunguinho, um símbolo de resistência - portanto, logo se envolve com as dimensões políticas.

É por isso que a religião acompanha as mudanças e sua relação com as demais dimensões da vida social (política, econômica) conforme o quadro histórico. Pode-se, por assim dizer, que é quase redundante que a prática religiosa do grupo QCM também tem sua dimensão política no contexto atual. O combate contra o preconceito religioso é onipresente nas questões do grupo QCM.

Nesse viés, o foco desta pesquisa será esses arquivos disponibilizados nas mídias sociais para trazer o debate em torno de como as religiões afro-indígenas-brasileiras se articulam em torno desse livre acesso e grande circulação de informações para divulgar sua fé, e assim conquistam espaços nos meios acadêmicos e viabilização de recursos para fomentar a ampla divulgação de sua religiosidade. Desse modo, combatendo a intolerância religiosa e ocasionando a construção de memórias coletivas de uma identidade afro-religiosa.

Esses registros podem ser de grande utilidade para a memória religiosa e cultural pernambucana através das observações e análises dessas histórias de vida que são construídas tanto por imagens quanto por vídeos (Barreto, 2014). E, a partir deles, seria possível reconstruir essas histórias por meio dessas lembranças vividas (Assunção, 2006). Os registros fortalecem o debate sobre a Jurema Sagrada, religião do Nordeste que vem ganhando visibilidade e ocupando seu lugar nas mídias, afirmando as próprias práticas e símbolos e possibilitando uma sociedade com menos racismo e com menos preconceito.

2.2 A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DO QUILOMBO CULTURAL MALUNGUINHO

Existe uma produção audiovisual imensa, incluindo vários documentários produzidos pelo QCM ou com sua participação, pois foram esses trabalhos que deram visibilidade à Jurema Sagrada enquanto religião. Dessa maneira, existe um trabalho de fortalecimento da Jurema Sagrada, através de palestras, debates, sejam presencias ou por meio de *lives* realizadas online nas redes sociais. Uma das estratégias mais utilizadas pelo QCM é tentar manter todas as suas redes sociais interligadas em que todos os conteúdos sejam transmitidos ao mesmo tempo, tendo o maior número de acesso, visualizações e curtidas possível.

Isso ocorre a partir do acervo visual, que vem cumprindo essa lacuna com a disponibilização de materiais audiovisuais, sendo esses vídeos e textos informativos disponibilizados nas redes sociais do grupo. O QCM utiliza as redes sociais como estratégia de comunicação desde 2000, com um acervo visual disponibilizado composto de filmes,

documentários e entrevistas realizadas com líderes religiosos que têm grande prestígio em relação ao povo de terreiro de Pernambuco e outros estados do Nordeste, Sul e Sudeste do país.

Muitas dessas gravações com depoimentos de líderes religiosos foram realizadas no Kipupa Malunguinho, assim como registros fotográficos do evento, com o objetivo de salvar a memória dessas pessoas, ficando eternizados na internet e plataformas sociais a partir dos recursos (vídeos, depoimentos, registros fotográficos e áudios) disponibilizados pelo audiovisual. Um entre tantos outros registros disponibilizados no acervo gravado no Kipupa é o reconhecimento através de uma homenagem no palco principal do evento, por meio do prêmio chamado “Mourão que não bambeia”. Esse prêmio é um reconhecimento a lideranças religiosas, a sua “história/trajetória” de luta e resistência mantendo a tradição oral das práticas da Jurema Sagrada.

Sendo assim, é confeccionada uma placa a pedido e entregue pelo QCM, com o intuito de homenagear religiosos que trazem de longa data, a luta e a resistência, apresentando a questão entorno da religião afro-indígena-brasileira para o debate público. Nessa pesquisa, o acervo disponibilizado será analisado como uma entre as várias ferramentas de inclusão que poderiam fornecer dados relevantes ao governo de como suportar estratégias de comunicação no mundo contemporâneo, em que as novas mídias têm uma relevância fundamental.

Levando em consideração que o estado de Pernambuco tem um projeto político multicultural, que visa salvar bens imateriais em forma de saberes tradicionais e este pode ser utilizado para efetivação de políticas voltadas para a patrimonialização, valorizando a transmissão da religiosidade, que, nesse contexto, dá-se de forma oral, trazendo a memória da resistência negra e indígena dentro do estado de Pernambuco. Sendo assim, tem como objetivo formar e informar na cultura afro-indígena-brasileira e no combate ao racismo, que é um tema prioritário.

Nesse sentido, tornam-se primordiais as parcerias com as universidades para o desenvolvimento de projetos de pesquisas científicas voltadas à tecnologia e à mídia para a valorização da cultura, educação e conscientização, por meio do estudo e do aprimoramento das estratégias de comunicação desses grupos minoritários nas arenas midiáticas, que são ainda, geralmente, controladas pelo capital financeiro.

3 MÍDIAS SOCIAIS E O QUILOMBO CULTURAL MALUNGUINHO: PESPECTIVAS TEÓRICAS DE UM OBJETO ONLINE

O QCM é uma instituição cultural e religiosa que tem por objetivo fomentar debates públicos e produzir conhecimentos sobre religiões afro-indígenas-brasileiras, assim trazendo para o debate a Jurema Sagrada, religião que ficou invisibilizada por um longo tempo, vem se utilizando das tecnologias de comunicação, como as redes sociais, para fins políticos (resistência, divulgação do trabalho, denúncia de preconceito racial e religioso). O objeto definido por meio do aporte teórico é advindo dos campos da antropologia da infraestrutura. Nesse viés, o objetivo é trazer o conceito de infraestruturas em suas diversas faces, fazendo um recorte das redes sociais.

O conceito de infraestrutura, na maioria das vezes, vem associado às obras de engenharia, como a construção de estradas, rodovias, pontes e edifícios, mas a infraestrutura não se resume à construção civil, ela vai muito além e abrange um universo de pequenas e grandes coisas visíveis e não visíveis, que se integram e interagem entre si. Este trabalho visa problematizar especialmente as interações que mobilizam as relações sociais entre máquinas, sistemas e as pessoas que utilizam essas infraestruturas e ao mesmo tempo fazem parte delas como atores sociais que consomem e utilizam-nas para alcançar seus objetivos. Ou seja, a infraestrutura é vista como um conjunto de pequenas coisas interligadas socialmente.

A partir dessa perspectiva trazida pelos estudos das infraestruturas, definido por meio do aporte teórico, advindo dos campos da antropologia em Larkin (2020) e Star (2020) que enxergam a infraestrutura como formas materiais que permitem troca por meio do espaço (seja virtual ou físico). Cesarino (2020) para se aproximar de como as infraestruturas da internet se comportam atualmente no Brasil, revela que a ideia de democratização da informação, nas redes sociais, e da produção do conteúdo é falha, assim como também não há uma neutralidade no fluxo de informações. Entretanto a perspectiva da Antropologia Digital de Miller *et al.* (2012), no qual se debruça na análise da internet e as redes sociais, atenta à transversalidade da intervenção crescente do digital como mediação em relações que se desdobram off-line - e que, para além de uma contribuição teórica, também fomenta metodologicamente.

O QCM vem construindo, desde 2000, um acervo digital de documentos audiovisuais. Segundo L'Omi L'Odò (2017), esse acervo digital vem se configurando enquanto parte de um movimento de articulação e resistência na luta pela visibilidade da religião afro-indígena-brasileira em Pernambuco. O QCM vem trilhando também seu caminho nas redes sociais

desde 2000, com aproximadamente 200 vídeos no YouTube, registros de áudios e imagéticos no Flickr, com milhares de imagens, a partir de documentários relacionados ao Kipupa, em que se pode acompanhar a trajetória do grupo durante esses dezesseis anos de eventos.

As redes sociais do QCM têm um elevado número de *followers*, até a data da análise dessa pesquisa nas redes sociais, o YouTube tem 17,9 mil inscritos no canal, o Facebook é acompanhado por 6.856 pessoas e por 10,8 mil seguidores no Instagram. O acervo inclui gravações do Encontro Nacional de juremeiros e juremeiras e tem grande relevância social por reunir religiosos que contribuem para a cultura e religiosidade de Pernambuco. Para se analisar o material disponibilizado no canal do YouTube, é necessário trazer o conceito de mídias a partir dos autores com Herzfeld (2014), Vailati (2014) e Barreto (2021).

Segundo Herzfeld (2014, p. 359),

Podemos definir as mídias de massa como meios de comunicação que são, ou podem ser, largamente distribuídos de forma virtualmente idêntica; estas incluem não somente o cinema, o vídeo, a televisão, o rádio e os periódicos impressos- as formas que mais comumente veem à mente quando falamos sobre “a mídia” -, mas também impressos litográficos, letreiros de publicidade e a rede mundial.

O autor traz em seu texto uma definição sobre o que pode ser consideradas mídias ao longo do tempo, assim como a importância do estudo das mídias pelos antropólogos e cientistas sociais, que não viam os estudos das mídias como um tema antropológico o que vem sendo tema para muitos debates atualmente, visto que as mídias estão sendo cada vez mais incorporadas no cotidiano e na vida em sociedade, transformando as relações sociais.

De acordo com Vailati (2014), as redes sociais e as plataformas de vídeo e imagem hoje substituem as “antigas pequenas mídias” (videocassetes, fax, fitas) - diferentemente das grandes mídias de massa, como rádio ou televisão. A construção desse acervo do grupo QCM, portanto, são de peças audiovisuais, consideradas pequenas mídias, veiculadas por meio de uma infraestrutura de baixo custo de produção e reprodução. Conforme Barreto (2021), o fenômeno das redes sociais utilizadas por líderes religiosos para fins de divulgação da sua fé não é recente, mas vem ganhando maior visibilidade com o avanço do ciberespaço.

Se, por um lado, estas mídias digitais configuram uma novidade com relação aos procedimentos tradicionalmente convencionados para autenticar uma liderança de quilombo, por outro, a literatura já nos mostra que a presença de atores religiosos e ativistas em geral - como os fundadores do QCM - nas redes sociais não é recente. Nesse sentido, o ciberespaço tem se colocado como um objeto de pesquisa desafiador às ciências sociais quando, a partir dos anos 1990, alguns pesquisadores trouxeram à baila os impactos da presença de ferramentas digitais entre grupos

menos privilegiados em termos de “acesso à informação”, caso dos praticantes das religiões afro-brasileiras (Barreto, 2021, p. 75).

Como se pode observar, as mídias sociais vêm se destacando entre as pesquisas nas áreas das Ciências Sociais, levando em consideração a facilidade de acesso que cada dia mais abrange diferentes classes sociais mesmo que esse acesso não seja igual para todos. É necessário reconhecer, enquanto pesquisadores, que esse tipo de pesquisa se torna cada vez mais importante para os dias atuais em que a internet, redes sociais e plataformas digitais estão inseridas no cotidiano da sociedade.

Sendo assim, uma vez exposto o panorama do objeto de pesquisa, agora se faz necessário colocá-lo sobre o prisma teórico da antropologia da infraestrutura, evidenciando como esta pode auxiliar na delimitação do objeto. Os elementos básicos da infraestrutura são diversos e podem ser analisados de maneiras diferentes, desse modo, o seguinte passo é traçar uma trajetória dos estudos antropológicos sobre infraestrutura até chegar a uma compreensão própria do que melhor analisar. Isso porque o objeto proposto para análise são as redes sociais do QCM, com um recorte para o YouTube, levando em consideração que seria inviável para uma pesquisa de mestrado analisar toda as redes sociais do grupo.

Entretanto, sendo a antropologia o estudo sobre os seres humanos, ao observar a infraestrutura na qual se refere aqui, neste estudo, foca-se nas especificidades das práticas “nativas” dentro dessa infraestrutura. De acordo com Larkin (2020, p. 30-31), as infraestruturas são “matérias que possibilitam o movimento de outras matérias. Sua peculiar ontologia situa-se no fato de que elas são coisas e, ao mesmo tempo, são relações entre coisas”. Isso significa dizer que, quando se refere às infraestruturas de uma “coisa”, analisa-se o complexo de “coisas” que constitui e suporta a operatividade dessa “coisa”. Essa “coisa”, de acordo com Star (2020), seria possível nomeá-lo enquanto “mundo fenomenológico” e sua infraestrutura seria o “sistema de substratos” que o subjaz. Por exemplo, o “mundo fenomenológico” analisado pode ser um computador, logo, seus “sistemas de substratos”, ou seja, sua infraestrutura seriam também os cabos.

Contudo, principalmente a infraestrutura que suporta os cabos, composta pela eletricidade; ou, talvez, poderia se considerar como substratos as pessoas que assim criam, manufaturam os cabos e realizam as manutenções para que, desse modo, o “mundo fenomenológico” do computador se mantenha. Assim, pode-se considerar que, nesse exemplo, o computador, não possui apenas uma infraestrutura, mas várias: a da eletricidade, a telemática, a de recursos humanos e os protocolos de softwares. Essas implicações evidenciam a dificuldade de encaixar as infraestruturas em conceitos encerrados.

Volta-se, então, ao objeto de investigação aqui proposto. A investigação do grupo QCM será do material digital, disponibilizado online, em várias plataformas: Instagram, Facebook e Flickr, com foco principal nos trabalhos audiovisuais disponibilizados no YouTube. Dessa forma, quais são as infraestruturas que sustentam esse “mundo fenomenológico”, ou seja, seus “substratos”? Substancialmente, é a energia elétrica que permite com que computadores e cabos operem, são os próprios computadores com suas engenharias de telemática, os softwares, os funcionários do Google e Facebook.

Todavia, essas são infraestruturas que permitem que as plataformas online, utilizadas pelo grupo, também sejam utilizadas por milhões de pessoas, instituições, coletivos e grupos de interesse pelo mundo. Portanto, de qual infraestrutura se fala quando se discute da infraestrutura que mantém em funcionamento o acervo online do grupo QCM? Será a rede de pessoas que criam conteúdo, dos que fazem a gestão das redes sociais, dos que são curadores do conteúdo, ou seja, são estes (grupo QCM) as “matérias que possibilitam o movimento de outras matérias” (peça semiótica).

Para analisar essas infraestruturas das mídias sociais, ou seja, do acervo online, que são o objeto de pesquisa desta dissertação, será necessário trazer o conceito de modularidade de Star (2020, p. 5):

É fixada em incrementos modulares, não de uma vez ou globalmente. Por ser grande, estratificada e complexa, e deste modo significar diferentes coisas localmente, as infraestruturas nunca são transformadas de cima pra baixo. Mudanças requerem tempo e negociação, além de sincronia com outras dimensões do sistema.

Desse modo, a autora traz à análise das infraestruturas, em suas diferentes formas (cabos, energia, sistemas, pessoas), que interagem, complementam e reinventam-se, assim transformando-se nas diversas faces infraestruturais. Isso traz questões: Como é composto este grupo? Quais são suas intenções? O que eles pensam? Qual a importância de manter essa infraestrutura? Existe um questionamento sobre como são formatadas as outras infraestruturas que mantêm o acervo funcionando? Em que âmbito?

Apesar da análise dar ênfase ao espaço online, o off-line também é acompanhado na medida em que se convive com o grupo em suas atividades públicas e privadas, fóruns de discussão e eventos, reuniões, festas, etc. Dessa forma, percebe-se que os sentimentos expressos em contextos religiosos geralmente se vinculam à dimensão política, uma vez que associam a tristeza, alegria, raiva e outros sentimentos com avanços ou retrocessos das pautas políticas levantadas pelo grupo QCM.

3.1 A INFRAESTRUTURA DO PONTO DE VISTA DO PENSAMENTO SISTEMÁTICO E DA TECNOPOLÍTICA

Estas últimas duas questões levantam outro debate, quando se pensa a infraestrutura do ponto de vista do pensamento sistemático e da tecnopolítica. De acordo com Larkin (2020), estudos ligados à ciência e tecnologia e geografia analisam a infraestrutura a partir da mediação de trocas. À distância “colocando pessoas, objetos e espaços em interação, conformando, assim, a base de funcionamento dos sistemas econômicos e sociais modernos” (Larkin, 2020, p. 32-33), ou seja, as grandes redes de infraestrutura que organizam a vida cotidiana da sociedade.

Para o autor, baseado em outros estudiosos do tema, quando a perspectiva é essa, o argumento parte de que as infraestruturas geralmente começam com uma série de tecnologias pequenas e independentes com ampla variedade de padrões técnicos (Larkin, 2020). Estas se tornam dominantes na medida em que convergem em uma rede que preenche uma necessidade sociotécnica de um tempo e espaço na sociedade em questão. Como exemplo, Larkin (2020, p. 33) traz a invenção da lâmpada de Edison, “que envolve simultaneamente outras de suas invenções, como o gerador e o alimentador”.

É na junção destas que foram permitidas inovações nos instrumentos financeiros e nas estruturas administrativas que mudaram a forma de trabalho e dominação do homem sobre a natureza e a consequente reprodução da vida. Seguindo essa lógica, pode-se considerar que há um foco sobre a construção desses sistemas que se tornam infraestruturas. Estes se originam a partir de respostas postas pelas demandas da atividade produtiva da sociedade, podendo ser ecológicas, políticas ou industriais.

Ora, o desenvolvimento da lâmpada e o domínio da eletricidade não estariam conectados a uma demanda da indústria capitalista? Para o seu fomento e sua disseminação, não foi necessária a vontade política? O autor traz a comparação de como foi o fornecimento de eletricidade na União Soviética, “onde houve um sistema totalizante em uma economia planificada pelo governo” (Larkin, 2020, p. 36). Conforme Larkin (2020), diferentemente do Ocidente, durante a União Soviética, a energia não era regulada pela demanda do usuário, era previamente alocada para determinadas regiões por decisão dos tecnocratas. O desmonte da União Soviética, portanto, foi marcado por um desmantelamento do sistema energético, trazendo uma sociedade organizada em torno do consumidor individual e de suas próprias demandas, em vez de coletivos.

As infraestruturas, diante disso, não têm um interesse em si, mas sobre as práticas de governo e de gestão de pessoas e materiais. Possuem uma racionalidade política, administrativa e a disponibilidade de materiais (substratos) disponíveis. Isso porque a dimensão política dessas questões é implicada, de acordo com Larkin (2020), pela modernidade da infraestrutura. Sendo assim, as infraestruturas sofrem de ideais iluministas, de uma natureza mutável à necessidade da circulação de bens, ideias e pessoas mirando no progresso e na concentração privada de bens e dos meios de produção.

Se as ferrovias, a água corrente e a eletricidade controlaram o mundo nos séculos anteriores, a internet vem ganhando destaque nas regras ditadas para a construção de novas formas de relações sociais quando se está no século XXI. Atualmente, estas passam pela lógica neoliberal, ideologia vigente no mundo. Por conseguinte, é praticamente impossível separar uma discussão sobre infraestrutura e a internet sem falar de como esta é utilizada e propagada conforme os ideais neoliberais. Considerando o teórico alemão Karl Marx (1990 apud Larkin, 2020), afirma-se que as tecnologias infraestruturas não são simples coisas materiais, mas definem o próprio curso da história.

As infraestruturas são partes vitais para a organização de uma economia de mercado e para o conceito de progresso, central para o liberalismo. Promovendo infraestruturas que circulam mudanças, progresso e liberdade, explicam-se como elas provocam “comprometimentos afetivos tão profundos” (Larkin, 2020, p. 38) nas sociedades. Diante disso, Larkin (2020) considera que infraestruturas - como estradas e abastecimento de eletricidade - não são meramente objetos técnicos, mas também operam em um nível de fantasia e desejo.

Desse modo, estradas e ferroviárias não são somente objetos técnicos, mas também operam em um nível de fantasia e desejo. Eles codificam sonhos de indivíduos e sociedades, sendo então os veículos por meio dos quais essas fantasias são transmitidas e tornadas reais emocionalmente (Larkin, 2020, p. 39).

Essas infraestruturas, portanto, invadem as mentes e dominam a imaginação, moldando as necessidades construídas socialmente.

Trazendo os questionamentos nesse prisma teórico para o presente objeto, pode-se considerar que, com a infraestrutura da internet, fornecida no Brasil, mobilizam-se desejos e anseios semelhantes. No Brasil, o fenômeno dos computadores pessoais - os desktops - nas décadas de 1990 e 2000 e, em seguida, na década de 2010, os smartphones, com acesso à internet, se disseminou a partir da lógica neoliberal que hoje oferece uma infraestrutura que

leva o acesso da informação virtual a milhões de indivíduos, que consomem conteúdo dos mais diversos tipos e variados.

Hoje, ter acesso à internet é sinônimo de cidadania e progresso. Entretanto, o espaço virtual da internet é, atualmente, a infraestrutura dominante no mundo, sem acesso à internet você não consegue fazer coisas simples do dia a dia, como resolver problemas bancários, fazer uma inscrição, seja ela concurso matrícula em faculdade, agendar para tirar um documento, marcar uma consulta, dentre outros. Isso está se tornando um problema, já que muitas pessoas de baixa renda não sabem usar esses aplicativos, principalmente os mais idosos. É evidente que o espaço virtual da internet é hoje a infraestrutura dominante no mundo. No Brasil, o acesso à internet está presente em 75% dos domicílios urbanos e 51% dos domicílios rurais (CETIC, 2021); mesmo estando presente de forma diferente, o objetivo é melhorar e facilitar a vida da população.

Em entrevista para esta pesquisa, Alexandre L'Omi L'Odò cita que:

Começou com o Orkut postando fotos, convites, postando coisas que na época era possível, na época não tinha vídeo disso tudo, a internet veio se tornar mais acessível o Facebook o YouTube veio para se tornar algo mais acessível de um tempo para cá de dez anos para cá, antes disso era muito difícil entendeu? A gente nem tinha internet em casa, nem sonhava em ter um computador, mas eu ia mesmo assim para a lan house (Entrevista concedida por Alexandre L'Omi L'Odò em 29/07/2021).

Corroborando com a fala acima, João Monteiro, que também é um dos fundadores do QCM, cita:

A gente começou no Orkut, rapaz porque é a questão do modernismo, a gente não podia criar um momento desse feito o kípupa se não entrelace as mídias que estava no início das mídias, então a gente não tinha, quem dominava mais essas coisas era Alexandre, então foi ele quem começou os cuidados nos textos, porque todo grupo de estudo, toda essa mobilização a gente tinha muito apoio do jornal do comércio porque a repórter (que agora não vou lembrar o nome dela) antigamente o povo lia muito jornal, então tudo que a gente fazia ela escrevia uma nota e todos diziam opa o arquivo está lá e ficava feliz da vida porque era o reconhecimento do trabalho que a gente estava fazendo ali, a gente sabia que o grande público estava. Depois que a gente começou a publicar na internet sem dúvida teve mais visibilidade por que uma coisa era a gente reunir as pessoas, mas assim chamar as pessoas e divulgar.... A internet foi à gente teve essa consciência, a internet era a arma que a gente tinha que está com a gente sempre (Entrevista concedida por João Monteiro em 05/04/2022).

Entretanto, como se pode observar, há uma desigualdade referente ao fluxo de informações nas redes de internet brasileiras que diante da inclusão digital, ainda são um obstáculo para grande maioria da população de baixa renda. Aqui se refere à grande parcela da população que não tem acesso à internet, até mesmo por não saber como utiliza-las

corretamente como acontece frequentemente com pessoas da terceira idade, que pode acontecer por vários motivos como já citado. As consequências disso são observáveis no cotidiano do grupo QCM, que é levado a se adequar aos algoritmos e as regras ditadas pelas mídias sócias, para ter suas informações divulgadas por essas redes.

Com isso, serão trazidas algumas questões sobre como o grupo QCM disputa e fomenta essa discussão sobre o uso das infraestruturas de rede de internet. Em conversas preliminares com pessoas que fazem parte do grupo, foi percebido que muitos dos seus discursos acompanham a linha do pensamento que “estar na internet é estar falando para o mundo todo”, portanto, “é mais que necessário mostrar nossa cultura nas redes sociais e plataformas de vídeo”.

Como se pode observar na fala de Alexandre L’Omi L’Odò:

[...] se a gente não tivesse rede social até hoje a gente estaria ainda na pré-história do conhecimento sobre nossas próprias tradições, mesmo a gente tendo toda rede social, todo esse espaço de internet graças ao YouTube, porque o YouTube é um espaço gratuito para você colocar os filmes e as pessoas vão ver e visualizar vai ter milhões de visualizações (Entrevista concedida por Alexandre L’Omi L’Odò em 29/07/2021).

Desse modo, um ponto que precisa ser questionado a partir da entrevista acima é que mesmo que a internet apareça como um espaço gratuito para muitos dos seus usuários, sabe-se que na verdade ela não é um espaço totalmente gratuito. O que se pode perceber em entrevistas e observações é que muito não tem o conhecimento sobre a utilização de seus dados que ficam salvos nas redes, e são usados por algoritmos para oferecer serviços e fazer um mapeamento sobre o perfil do usuário, como será visto mais adiante.

Conforme Barreto (2021, p. 83-84, grifo do autor), sobre a importância que as novas mídias têm na contribuição para grupos religiosos na circulação, divulgação e visibilidade da Jurema/religião afro-indígena-brasileira:

Levando em consideração que a agência e produção de imagens em movimento, transmitidas sejam no cinema, na televisão ou na internet, produzem efeitos políticos em larga escala, pois foram essas mídias que, a partir do século XX, criaram formas de comunicação em massa, é possível afirmar que, em comparação ao Blog, o YouTube permitiu ao QCM ir mais longe do que produzir conteúdo a respeito da figura de Malunguinho ou somente criar referências visuais á personagens ou, ainda, meramente divulgar o *Kipupa*. Uma vez que nos documentários ou entrevistas gravadas, as lideranças do QCM e demais atores que colaboram com seus projetos foram, eles próprios, filmados, o impacto desta ferramenta audiovisual para a veracidade de Malunguinho foi inegável posto que esse canal aglutinou um conjunto de mídias – áudio, fotografia, moda, etc. -, que conferiu presença a personagem, somando a presença dos próprios atores envolvido no agenciamento dessas materialidades.

Ainda, Alexandre L'Omi L'Odô afirma que:

Eu costumo dizer que eu me preocupo com a história, a gente fez documentários e fizemos um registro imagético no flick e vários áudios e vídeos, tudo isso existe disponível na internet, para as pessoas que querem fazer pesquisa. Eu me preocupo com isso, na realidade eu me preocupo o tempo inteiro em guarda a memória do que a gente faz, e sobre tudo disponibilizar na internet exatamente para servir para os pesquisadores porque a gente não acredita que a informação ela possa ficar omissa, né? Dentro do campo dos estudos, porque nós somos estudiosos e a gente quer que o povo de terreiro pesquise. O povo negro pesquise para poder ter conteúdo sobre si próprio esse é o nosso objetivo (Entrevista concedida por Alexandre L'Omi L'Odô em 29/07/2021).

Nesse viés, visando maior viralização de seus conteúdos, atingindo maior público possível, os agentes que alimentam o acervo aceitam as regras impostas pelas estruturas das redes sociais e das plataformas digitais. Encaram a internet como uma oportunidade de dar voz à sua luta diária, mesmo que tenham como desafios se adequarem aos “algoritmos”, mesmo sabendo que os algoritmos foram criados para se ajustar ao pensamento humano e dessa forma causar a impressão que o indivíduo está no comando, enquanto seus dados são coletados para serem vendidos, os usuários dessas plataformas. Ou seja, os atores sociais que nesse caso, são os indivíduos que fazem parte do QCM, optar por continuar seguindo as regras impostas para poder usufruir desses benefícios.

Para isso, suas comunicações são preenchidas por siglas como *#tbt*, *hashtag*, *live*, as peças midiáticas passam a ter os padrões de acordo com as plataformas de vídeo e rede sociais: inclusive, usando de palavras de ordens virais que foram muito usadas para contribuir com a campanha de conscientização ao enfrentamento da pandemia em 2019, como o *#FicaEmCasa*⁵. Foram realizadas *lives*, na plataforma YouTube, como uma resposta ao confinamento causado pela Covid-19 que alterou a convivência social, ficando restrita. Assim sendo, nas redes sociais, a melhor forma de interagir com os praticantes da religião afro-indígena-brasileira foi com as *lives*, que viralizaram em tempos de pandemia com o tema “Juremologia” - que trouxeram debates desde a decolonidade, cultura popular, Jurema Sagrada, tradições e debates LGBTQIAP+, etc.

Essa foi uma dentre tantas outras estratégias usadas pelo QCM para divulgar a Jurema Sagrada e a sua luta contra o racismo e intolerância religiosa, mesmo que, para isso, tivessem que seguir as regras da plataforma como a proibição de algumas palavras. As divulgações das

⁵ Palavra de ordem viral que se disseminou na internet. Uma campanha espontânea e orgânica da população que defendia isolamento social como forma de combater a pandemia de Covid-19.

atividades foram feitas por meio de arte gráfica, os “Cards”⁶; e os horários das postagens e divulgação de materiais são específicos e que foram estudados os horários que historicamente dão maior engajamento e visibilidade ao conteúdo postado. Para isso, foram formados grupos de WhatsApp específicos que ficaram responsáveis pelo controle das divulgações, onde essas informações eram sempre postadas voluntariamente pelos adeptos e simpatizantes da religião que faziam parte do grupo QCM.

Sempre pensavam em estratégias para promover o maior alcance possível, visto que os vídeos e informações precisam ter uma fluidez e duração específica. Isso porque os usuários das redes sociais não estão mais acostumados a consumir conteúdos longos e “maçantes”, que acabam por se tornar cansativos para a maioria da população jovem já que a grande circulação de conteúdos disponibilizados é imensa e fica mudando as informações o tempo todo com um simples toque na tela do celular ou computador.

Nesse contexto, é necessário alimentar com frequência o Facebook, Instagram, YouTube e Flickr, tendo em vista que “os algoritmos” privilegiam e dão maior abrangência àqueles perfis que são mais ativos. As formatações a que as peças midiáticas do acervo são submetidas são inúmeras, buscando uma adequação a tal infraestrutura que se propõe neutra. Com isso, existe uma formatação específica de como a infraestrutura das redes sociais e plataformas de vídeo devem se adequar a qualquer conteúdo que fuja dos moldes no qual elas privilegiam.

Sobre esse quesito, há a crença dos produtores dos conteúdos do grupo QCM, assim como para muitos consumidores que criam e consomem conteúdo da internet de que as redes sociais são neutras, que não há nenhum tipo de privilégio àqueles que produzem conteúdo, todo mundo é igual e, para ter sucesso, basta saber “utilizar bem às ferramentas que as tecnologias da internet disponibilizam” (falas ouvidas com frequência em campo).

Entretanto, para uma compreensão de como se manifestam essas infraestruturas, no Brasil, Cesarino (2020) é essencial, a autora revela que é identificado um fenômeno nomeado por populismo digital. Segundo a autora, agências não humanas, como “algoritmos emocionais”, foram pensadas para se alinhar e ligar processos emocionais, passando a controlar, inconscientemente, o indivíduo, permanecendo mais tempo em frente à tela, fornecendo seus dados que depois serão vendidos. Essas plataformas digitais acabam influenciando comportamentos e modo de viver, essa infraestrutura técnica das novas mídias

⁶ Os cards são imagens criadas com a finalidade de passar uma informação da forma clara, e ao mesmo tempo mais sucinta, possível. De forma sintética, precisa passar o que se quer, seja instruir sobre algo ou anunciar algum produto ou evento.

carrega à narrativa e desempenha parte importante de função mobilizadora, por meio de afetos onde os indivíduos acreditam acessar diretamente seus líderes através das redes sociais (Cesarino, 2020).

Um exemplo são as *lives*, nas quais é possível a participação ao vivo dos ouvintes através de perguntas que são respondidas pelo grupo QCM. Uma das questões mais debatidas dentro do terreiro é sobre quando há *fake news* ou conteúdo de teor de intolerância religiosa, por exemplo; os integrantes do grupo QCM costumam se questionar “por que há tanta facilidade na disseminação dessas desinformações?”. Para além de um julgamento moral “isso é devido ao povo mesmo que é preconceituoso”, explicam, e também afirmam que isso é devido à falta de conhecimento.

Para o grupo QCM, as pessoas também tendem a crer no pensamento racista, porque há falta de informação. Ademais, são geradas frustrações quando denunciam algum caso de intolerância religiosa e esta tem menos repercussão que o próprio caso - ou que, ainda, sua opinião não consegue ter tanta capilaridade dentro da população média quanto a dos grandes meios de comunicação em massa, como a TV Globo e Record TV, que são emissoras que têm um alto índice de Ibope dos seus telespectadores. Também, que muitas vezes usam essa audiência, como no caso da Record TV, que vem ao longo dos anos protagonizando um papel importante nas cenas de racismo religioso sofrido pelo povo da religião afro-indígena-brasileira. Como podem ser observadas nas matérias citadas a seguir:

- a) Autores processam Record e dizem que foram demitidos por não serem evangélicos: “A Record está sendo processada sob a acusação de ter demitido ao menos dois roteiristas por eles não serem evangélicos, religião do bispo Edir Macedo, proprietário da emissora e líder da Igreja Universal do Reino de Deus” (Folha de São Paulo, 2023). Em nota enviada à Folha de São Paulo (2023), a emissora diz que é contra qualquer forma de intolerância, inclusive a religiosa, e que tomará providências judiciais contra as acusações.
- b) Comissão vai à ONU acusar Igreja Universal de intolerância religiosa:

Relatório aponta perseguição às religiões afro; procurada pela folha, igreja não se manifestou Na Folha. A comissão de Combate à intolerância Religiosa entregou ontem ao presidente do conselho de Direitos Humanos da ONU (Organização das nações Unidas), Martin Uhomoibai, e à Secretaria de Promoção da Igualdade Racial relatório que diz existir uma “ditadura religiosa” promovida [...] (Azevedo, 2020).

- c) Intolerância religiosa: “Brasil vive negação de direitos”, afirma especialista. Violência aumentou nos últimos anos e políticas de combate foram enfraquecidas:

Em 21 de janeiro de 2000, a ialorixá Gildasia dos Santos morreu após sofrer um ataque dentro do Ilê Axé Abassá de Ogun, terreiro de candomblé fundado por ela na década de 1980, em Itapuã (BA). Mae Gilda, como era chamada, vinha sendo alvo de assédio e intimidação por membros da Igreja Universal do Reino de Deus. No mês do outubro do ano anterior, o jornal Folha Universal publicou uma foto de Mae Gilda em uma reportagem que trazia violentas e falsas acusações contra as religiões de matriz africana. A ialorixá teve a casa invadida por pessoas que destruíram o terreiro e agrediram o marido dela. Após o crime, a saúde da religiosa se deteriorou e ela faleceu, vítima de um infarto. Além de líder espiritual, ela exerceu papel importante como ativista social. Anos mais tarde, em 2007, a data da morte de Mae Gilda foi fixada como Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa (Lacerda, 2022).

Além desses casos relatados nos trechos de matérias acima, outro caso de intolerância religiosa, que ocorreu em 2018, envolveu a então vereadora Michelle Collins em um evento organizado pela igreja na qual ela se diz pertencente. Ela diz as seguintes palavras em uma postagem sua na internet “Noite de intercessão no Recife, orando por Pernambuco e pelo Brasil, na orla de Boa Viagem, clamando e quebrando toda maldição de Iemanjá lançada contra nossa terra em nome de Jesus” (Alves, 2018). Isso causou revoltas da comunidade afro-brasileira, que saiu às ruas para pedir que ela fosse responsabilizada por esse ato de racismo figura 6, já que o Brasil é um país laico, mas esse tipo de intolerância religiosa não está sendo punido adequadamente, principalmente com o governo vigente nesse período, como não poderia ser diferente a mesma colocou uma nota de pedido de desculpas e nada mais aconteceu referente à punição pela sua fala (Alves, 2018; Fonseca, 2018; Leite, 2018).

Figura 6 - Mobilização contra racismo religioso



Fonte: Postagem do Facebook de Alexandre L'Omi L'Odô em 2018.

Dessa forma, essas são as implicações que preliminarmente o grupo QCM, que sempre se manteve a frente da luta pela visibilidade da Jurema Sagrada e no combate à intolerância

religiosa, tem por missão combater através da divulgação e informação postadas nas redes sociais. Sendo assim, pode-se observar quando se aproxima o grupo QMC e sua investida no “mundo” online. A infraestrutura que alimenta esse mundo fenomenológico, que se pode entender como o acervo online do grupo (postagens no Facebook e Instagram, vídeos no YouTube, etc.), é possível por meio de algumas infraestruturas como as já mencionadas telemática, elétrica, cabos, etc.

Todavia, na linha de frente, como pode ser observado durante essa dissertação, os verdadeiros agentes são os indivíduos do grupo que têm um compromisso com o mesmo e tentam dominar as infraestruturas de rede de internet para veicular suas informações, cultura e arte. Quais são as repercussões dessas peças midiáticas e como os espectadores reagem e interagem com o conteúdo? Quais são os desdobramentos deste conteúdo em uma esfera off-line?

A abordagem de Miller *et al.* (2012) sobre a antropologia digital auxilia mobilizando uma atenção transversal à intervenção crescente do digital como mediação em relações que se desdobram também off-line, acompanhando o cotidiano do grupo, as suas reuniões e organizações de atividades fora do terreiro, como: o acorda povo, procissão dos pretos velhos, visita a cachoeira para levar uma cesta de oferenda a Oxum e a visita a cidade de Alhandra, atividades realizadas em datas específicas todos os anos.

Será relevante, portanto, inserir as informações tanto online, que acontecem nas redes sociais, como em outros grupos onde circulam artefatos midiáticos - vídeos, áudios, textos, etc. Segundo o autor, assim como sites alternativos de notícias e vídeos onde abrange a totalidade dos conteúdos recebidos para identificar padrões discursivos estruturantes do próprio conteúdo (Miller *et al.*, 2012).

Diante do exposto, sobre as questões metodológicas que valem ao etnógrafo essas infraestruturas, cabe afirmar que a etnografia das mídias é uma ferramenta metodológica útil pela sua potencialidade de investigações e diversificação de objetos, interligando uma etnografia a partir da metodologia de Herzfeld (2014) de seguir a janela e deslocamento dos consumidores e produtores como agentes de ações. Isso porque “desloca a atenção do texto como uma interpretação inerte para os usos que os atores sociais diferentemente situados fazem destas representações” (Herzfeld, 2014, p. 368).

Nesse sentido, forma “a força que as representações das mídias carregam na construção da imaginação, das identidades e das relações de poder contemporâneos” (Herzfeld, 2014, p. 358). Sendo assim, as mídias e seus processos de transformações têm que ser analisadas mais profundamente, levando em consideração as mudanças nas novas formas

de construções das relações sociais. Como se pode analisar a partir de observações tanto em redes sociais quanto em observação no campo, os atores sociais, ou seja, as pessoas são os agentes de mudanças, elas que estão à frente à instituição fazendo acontecer as *lives*, filmes, documentários, divulgações, se adequando às mídias sociais para poder usufruir o que elas podem oferecer de melhor. Desse modo, é possível observar o campo como manifestações públicas, ações diretas e indiretas, políticos, institucionais, uma vez que são formas de engajamentos que são despertados pelos artefatos midiáticos como as mídias sociais.

3.2 ACERVO ONLINE QUILOMBO CULTURAL MALUNGUINHO

Para fins de análise quantitativa e qualitativa, far-se-á um recorte desse acervo que é imenso, ficando impossível analisá-lo por completo em um trabalho de dissertação. Assim, foi realizado um recorte desse material e foi escolhido para catalogar o acervo disponibilizado no YouTube, que é composto por filmes, documentários, giras decoloniais, *live* e etc.

O canal de vídeos foi criado pelo QCM em 2008 com o objetivo de postar documentários, filmes reportagens e entrevistas gravadas. O volume de vídeo filmes, produzidos tanto pelos próprios atores quanto por demais veículos de produtores que não fizeram parte do grupo, ficou mais intenso a partir dos anos 2010. Considerando os custos dispendiosos, a produção de mídias audiovisuais foi menor, se comparada à quantidade de textos e fotografias postados nas demais redes sociais, mas não menos importante para as estratégias de visibilidade do personagem (Barreto, 2021, p. 81).

O QCM lançou o canal em 26 de abril de 2008, e, até a data 20 de julho de 2022, contava com 2.240.858 visualizações, 17,9 mil inscritos e 200 vídeos disponíveis. O acervo começa com uma descrição: “Aqui é a casa também da informação e da divulgação de história que a história oficial negou” e essa catalogação foi realizada com a divisão desse material em gêneros como os descritos a seguir.

3.2.1 *Lives*

As *lives* foram uma forma de transmissão ao vivo que ganhou popularidade no contexto da pandemia de Covid-19. Geralmente, eram realizadas várias *lives* pelo grupo QCM, sendo quatro episódios com o tema “Giras Decoloniais”. As giras eram atividades realizadas pelo grupo de forma presencial, sempre contando com convidados para debater um texto escolhido e repassado ao grupo com antecedência, atividade essa que foi readequada

para o meio virtual após a pandemia. A primeira foi transmitida ao vivo, de forma online, em 18 de março de 2021, pelo canal do YouTube, e contou com o apoio da Lei Aldir Blanc.

Um pequeno texto descritivo retirado de uma postagem referente às *lives* demonstra a importância do QCM e desses eventos no combate à intolerância religiosa:

A proposta desse projeto é ao longo de quatro edições virtuais conversamos com colaboradores/envolvidos nas giras decoloniais, enaltecendo saberes tradicionais e práticas que vão de embate a pensamento etnocêntrico, com a proposta de transmitir outras formas de saberes possíveis para contribuir na luta dos povos tradicionais de terreiros no combate ao racismo que tanto apagou nossas histórias, o projeto inaugura sua primeira edição virtual com todo Axé da casa das Matas dos Reis Malunguinho (L'Omi L'Odò, 2019).

Em seguida, é importante citar outra transmissão realizada ao vivo que foi o seminário “Malunguinho, 185 anos vivo na alma de um povo”, transmitido em 18 de setembro de 2020:

Um herói negrindio há 185 anos foi morto violentamente nas terras da antiga Maricota, hoje Abreu e Lima/PE. Foi comunicada e registrada sua morte em 18 de Setembro de 1835. Seu nome era João Batista, último líder do Quilombo do Catucá, conhecido como um dos Malunguinhos, herói do povo negro e indígena de Pernambuco (L'Omi L'Odò, 2020b).

O acervo é composto ainda por oito *lives* “Juremologias” de títulos: “Jurema e preservação da caatinga - fauna e flora encantada”, “Arte, ativismo negrindio e decoloniedade”, “Racismo religioso e omissão do estado”, “Catimbós e macumbas - guerrilhas do saber”, “Jurema indígena e Jurema urbana, convergências e divergências religiosas”, “Tradição e debates LGBTQI+, avanços e retrocessos”, “Kardecismo e racismo espiritual na jurema” e “O clã do Acais e Alhandra”. Esses são debates ricos em informações com convidados estudiosos da área, religiosos, que têm como principal objetivo trazer conhecimentos para combater a intolerância religiosa.

Por último, sete *lives* (quando a transmissão ao vivo se popularizou como *lives*) com vários temas e debate em torno da Jurema Sagrada, cultura popular, saberes ancestrais e entre outros. Com isso, essas *lives* se transformaram em uma grande estratégia de divulgação do trabalho do grupo. Através das *lives*, além das informações atingirem um público maior, também trouxe muita visibilidade para a instituição, onde adeptos, estudiosos, simpatizantes e curiosos se sentiram mais perto dos líderes religiosos, tirando dúvidas através de interação em tempo real, sendo proporcionado por esse tipo de transmissão ao vivo.

3.2.2 Vídeos

Os vídeos são produzidos e realizados com o intuito de divulgar trabalhos realizados pelo grupo; entre eles estão 10 vídeos com músicas de divulgação para os lançamentos do CD de Juninho do Côco, “Meu Axé”. Esses vídeos foram disponibilizados no canal do YouTube semanas antes do seu lançamento oficial, tendo 731 visualizações até o dia 20 de julho de 2022 e 123 curtidas. Foi transmitido ao vivo em 29 de junho de 2022, com duração de uma hora, trinta e seis minutos e vinte dois segundos. Foi realizado pela Casa das Matas dos Reis Malunguinho e pelo QMC e teve o incentivo da Lei Aldir Blanc, FUNDARPE, Governo do Estado de Pernambuco e Governo Federal.

Ademais, dois videoclipes para divulgação do álbum de Lucas dos Prazeres, com o título “Malunguinho que me guia”. É possível encontrar no acervo um imenso número de vídeos além dos citados; tem-se um vídeo para celebrar o Dia Nacional do Maracatu, seis *teasers* para divulgar eventos, trabalhos e filmes produzidos pelo ou com a participação do QCM, além de 54 vídeos com registros de eventos musicais relacionados à cultura popular, principalmente Coco, Maracatu, entoadas cantadas para os orixás e entidades da Jurema, e 20 vídeos gravados referentes ao Kipupa.

Entre esses vídeos, um se destaca referente à música “Feiticeiro de FK em homenagem à Malunguinho” - gravado na Amostra de Articulação Musical Pernambucana (AMP) de 2021. É um projeto musical que traz as entoadas da Jurema Sagrada através da percussão e *beats* eletrônicos e a confluência do Trap, gênero do Rap, com elementos percussivos presentes na tradição da Jurema Sagrada, cantando entoadas referentes às entidades cultuadas para celebrá-la em suas diversas faces. Foi estreado em 13 de maio de 2022 e até o momento acumula mais de 900 visualizações e 112 curtidas.

Esse é um trabalho que merece destaque, pois se tornou um EP Visual de título Catimbó, visando gravar cinco faixas de título: Pilão, Cigana, Feiticeiro, Jurema e Zé, produzido com incentivo da Lei Aldir Blanc Fundarpe, Secult-PE. Portanto, é essencial explicitar suas letras a seguir.

a) Jurema

Eu tenho uma cabocla de pena
Soltei-a na mata pra ela trabalhar
Eu tenho uma cabocla de pena

Soltei- a na mata pra ela trabalhar

Essa é a força que a Jurema tem

Essa é a força que a Jurema dar

Essa é a força que a Jurema tem

Essa é a força que a Jurema dar

Okei okei okei

Okei meus caboclos okei

Jurema é um pau encantado

É um pau de ciência que todos querem saber...

(FK Feiticeiro, 2022).

b) Cigana

Vinha caminhando a pé, quando longe avistei uma cigana de fé

Vinha caminhando a pé, quando longe avistei uma cigana de fé

Ela parou e leu a minha mão, dizendo toda verdade

Mas eu queria saber, aonde mora essa linda cigana

Ela vai girar, ela vai girar, gira pombo gira rainha desse bonga

Ela vai girar, ela vai girar, gira pombo gira rainha desse Bonga

Vinha caminhando a pé, quando longe avistei uma cigana de fé

Vinha caminhando a pé, quando longe avistei uma cigana de fé

(FK Feiticeiro, 2022).

c) Pilão

Meu Pilão tem duas bocas trabalha pelos dois lados

Pras horas dos aperreios, valei meu Pilão deitado

Sempre pronto pra quem busca de certo mando recado

Sua benção assim que eu disse, valei meu Pilão

Treme terra, meu pilão, dá recado, meu pilão
 Pilão deitado, meu pilão, trabalha meu pilão
 Treme terra, meu pilão, dá recado, meu pilão
 Pilão deitado, meu pilão
 Trabalha meu pilão...

Meu pilão tem duas bocas
 Meu pilão tem duas bocas
 (FK Feiticeiro, 2022).

d) Zé

Zé oh Zé, quando for lá pra lagoa
 Zé toma cuidado com o balanço da canoa

Zé oh Zé, quando for lá pra lagoa
 Zé toma cuidado com o balanço da canoa

Zé faça tudo o que quiser, oh Zé
 Só não maltrate o coração dessa mulher

Zé faça tudo o que quiser, oh Zé
 Só não maltrate o coração dessa mulher

Na rua da margura, onde Zé pilintra morava
 Chorava por uma mulher, chorava por uma mulher,
 Mulher que não lhe amava

Na rua da margura, onde Zé pilintra morava
 Chorava por uma mulher, chorava por uma mulher,
 Mulher que não lhe amava

Zé faça tudo o que quiser, oh Zé
 Só não maltrate o coração dessa mulher
 (FK Feiticeiro, 2022).

e) Feiticeiro

Que mata é essa que nela eu vou entrar
 Quê mata é essa que nela eu vou entrar

É do Reis Malunguinho, tira estrepe do caminho
 Pra meu povo poder passar

Anu, anu, Anu, ará
 Anu, anu, Anu, ará

Meu Anu é feiticeiro, só faz o que eu mandar
 Meu Anu é feiticeiro, só faz o que eu mandar
 Que mata é essa que nela eu vou entrar.....
 (FK Feiticeiro, 2022).

Como podem ser observadas nas falas de FK as entoadas de jurema escolhidas para compor esse trabalho, visam atingir outro público. Segundo Felix Cavalcante, o EP Visual é um projeto musical que utiliza a tecnologia através dos *beats* de Rap, a música percussiva da cultura popular e tradicional, com letras que contextualizam os rituais sagrados das religiões afro-indígena-brasileiras. As letras das músicas e entoadas escolhidas, tanto por FK, ou pelo QCM, como por exemplo, no Kipupa, são pensadas estrategicamente e são escolhidas com muito cuidado para não criar ou até mesmo fortalecer toda uma leva de preconceito que gira em torno da religiosidade afro-indígena-brasileira.

Dessa maneira, as entoadas são escolhidas “a dedo”, segundo fala dos entrevistados, selecionando cada uma de acordo com o ambiente que vai ser cantadas e divulgadas, e trazer entoadas como: Reis Malunguinho, Reis Malunguinho, deixe a vida do seu e leve a do mal vizinho (bis). Arrasta o pé, no solado do sapato, inimigo a gente mata, como mata um carrapato (bis). Exu que tem duas cabeças, ele faz sua gira com fé (2x). Mas uma é satanás do inferno e a outra é Jesus de Nazaré, entre outras, que são cantadas em terreiro em momento de

celebração e tira-la de seu contexto de culto pode trazer mais estigmas negativos para as práticas religiosas da Jurema Sagrada. Essas entoadas não foram encontradas disponibilizadas na internet durante o período de pesquisa desta dissertação, mas também foram selecionadas seguindo um critério de não fortalecimento do racismo religioso.

Esse projeto de EP Visual foi realizado por Felix Cavalcante, mais conhecido no meio da música e do audiovisual como FK. Ele faz parte do grupo QCM como adepto desde o início de sua fundação por ter ligação com um dos organizadores, Alexandre L’Omi L’Odò, e que no momento está à frente da instituição. Nesse sentido, a gravação do EP Visual foi um dos que se teve a oportunidade de acompanhar todo o processo desde os encontros com o intuito de organizar e definir como seria feito a gravação, desde o pessoal que foi contratado para produzir, acompanhar a presença dos atores que contracenaram no vídeo, assim como FK e Joana Flor, que foi a responsável pelo roteiro do projeto (falar-se-á um pouco de Joana, mais adiante).

Outro fator importante a ser apontado para esta dissertação foi a gravação da música/entoadada Pilão que foi gravada no terreiro com a contribuição dos adeptos da casa que participaram de forma voluntária, e o fato do cinema em Pernambuco ter uma tradição cultural que envolve a música principalmente a partir do movimento de conhecido como Mangubeat, como se pode verificar nos relatos e na citação de Nogueira (2009, p. 40, grifo da autora):

A música do *mangubeat* era tão importante quanto às imagens que vinham das “parabólicas”. Havia uma necessidade de legitimação da cena a partir da imagem pelos videoclipes. O próprio movimento *mangubeat* não se restringia à música. Havia uma preocupação visual bastante forte, que se estendia dos figurinos que os músicos apresentavam nos shows até a construção dos próprios símbolos do movimento como “a parabólica ficando na lama” ou o caranguejo.

FK é um músico que tem uma trajetória no mundo da música e do audiovisual pernambucano por ser integrante e um dos fundadores da banda Etnia que, segundo ele, faz parte da segunda leva do movimento Mangubeat.

A relação entre as produções musical e cinematográfica é evidenciada pelos próprios filmes. Os compositores das trilhas sonoras do conjunto de filmes, que ficou conhecido como “cinema pernambucano”, faz parte ou tiveram alguma relação com a geração mangubeat ou com a “idealização” do movimento. Temáticas que foram recorrentes na música ou nas artes plásticas em Pernambuco, nesse período, reapareceram também nessa produção cinematográfica (Nogueira, 2009, p. 40).

Ademais, esse projeto, segundo relatos de FK, foi pensado durante a pandemia de Covid-19 como uma forma de trazer um sentimento de conforto através da espiritualidade para as pessoas que passavam por momentos de fragilidades, causados pela Pandemia, onde muitos se encontravam em processo de luto, seja por familiares ou pessoas próximas, como vizinhos, amigos, conhecidos, etc. Dessa forma, trabalhos como esse foram fundamentais para que pessoas continuassem praticando sua religiosidade, já que o acesso aos cultos praticados de forma presencial foi proibido como uma forma de prevenção para evitar o contágio da população.

Outro ponto que precisa ser destacado foi o incentivo dado pelo Governo Federal através de Leis de Incentivo à Cultura que beneficiou vários projetos voltados para a transmissão ao vivo através de aplicativos disponibilizados pelas mídias sociais. Como se pode observar na fala de FK:

A banda se viu em um momento de distanciamento social, por conta da pandemia de Covid-19. Todo mundo... Eu fiquei sabe assim meio no libor, sabe? Eu tinha vontade já a algum tempo de fazer alguma coisa solo, minha sabe? Representar as minhas experiências e aí nessa história, eu comecei a estudar essas coisas da música eletrônica, eu sou formado em produção fonográfica pela AESO e eu tenho amigos que trabalham com músicas eletrônicas eu também gosto muito de Rep, né. Foi uma das minhas influencias e eu sempre tive vontade de fazer uma e aí foi quando apareceu essa oportunidade de tá estudando sobre a jurema sagrada por conta da religião né, me aprofundando eu vi que poderia ser uma oportunidade boa, sabe assim, juntar essa coisa de Rep da música eletrônica com a ancestralidade da jurema sagrada né, e aí eu fui juntando e fui pensando como é que seria isso e aí conversando com outro amigo que estudou comigo que é bitmayk e tal [...]. Eu introduzindo ele dentro desse universo da jurema sagrada, para que ele entendesse mais ou menos o que eu tava pensando e a cultura popular também, pois não é só a jurema sagrada né, tem muita coisa de cultura popular e a gente criou esse projeto que é o FK feiticeiro e eu estou muito feliz, porque saiu um resultado muito bacana que não é uma coisa rasa, é um trabalho bastante aprofundado que dialoga com a ancestralidade de uma forma muito particular e que leva a gente para uma visão mas espontânea, consegue quebrar um bocado de barreiras do preconceito com a religião, sabe assim a gente não precisa ser só daquele jeito, só daquela forma ritualística né, que representa a ancestralidade, a religiosidade a gente pode conseguir mostrar para as pessoas um outro lado um lado mais leve, um lado mais humanizado da religião. (Entrevista concedida por Felix Cavalcante em 10/06/2022).

Com base nisso, o trabalho realizado por FK é inovador e traz um novo olhar sobre as práticas da jurema com uma pegada diferente voltada para um público mais jovem, pertencente ou não aos terreiros, mas que através da música possam conhecer a Jurema em várias outras perspectivas.

Deste modo, como pode ser observado, através do acompanhamento das redes sociais da banda, para fins de analisar como foi a recepção pública, tanto nas redes sociais como nos

shows físicos, pode ser verificado que a banda teve uma boa recepção, participando de vários eventos importantes no cenário musical pernambucano, como se pode verificar na figura 7.

Figura 7 - Em cena



Fonte: Portifólio FK Feiticeiro, 2024.

Dando continuidade à descrição, o material disponível reúne 61 vídeos com gravações de fala em eventos com informações sobre a Jurema Sagrada, assim como denúncias de

racismo religioso sofridos pelo QCM ou até mesmo outros terreiros que não estavam ligados diretamente com o grupo, mas sempre podiam contar com a visibilidade que a instituição mantinha nas mídias locais como um espaço de denúncia. Também, algumas propagandas políticas referentes ao ano em que um dos fundadores e coordenadores Alexandre L’Omi L’Odò foi candidato à deputado pela cidade de Olinda. Esses trabalhos sempre têm que ter ou ser relacionados a pessoas que fazem parte do grupo.

3.2.3 Filmes/Documentários

Os filmes e documentários disponibilizados no canal do YouTube, em sua grande maioria, foram realizados pelo grupo ou com a participação direta de integrantes do grupo. Dessa forma, destacam-se alguns desses documentários que se consideram mais relevantes, sejam pelo número de curtidas, visualizações, comentários e destaque na mídia, como também na tv aberta.

O primeiro filme destacado é “História do Acais e de Zé Pilintra”, que foi postado no acervo no dia 20 de outubro de 2021, com 1.295 visualizações e 118 curtidas. É um recorte do filme Nhô Caboclo, que fala exclusivamente sobre essa entidade tão cultuada e conhecida por todos que cultuam a Jurema Sagrada. O filme começa com um ritual indígena, no qual as mulheres ficam paradas tocando as suas maracas, em baixo de uma árvore que pode ser um pé de Jurema, enquanto os homens dançam e balançam as suas maracas. Em seguida, muda de plano e mostra uma gira de Jurema com um juremeiro também balançando sua maraca e cantando uma entoada de jurema, e assim segue o ritual.

Além disso, esse trabalho é um recorte do filme “Nhô caboclo e o elo perdido”, um filme de 2002 com duração de 53 minutos, que foi postado no acervo em 14 de junho de 2020 e tem 1.917 visualizações e 210 curtidas. O mesmo conta com um texto descritivo, que se considera importante expô-lo aqui: “Este é uma daquelas raridades audiovisuais que documentaram pessoas, fatos e um tempo histórico importante para todos nós, em especial para a arte pernambucana e para o povo da jurema que tem neste filme uma fonte imprescindível” (L’Omi L’Odò, 2020a).

Assim como “Galo Preto: o menestrel do coco”, que foi produzido pelo cineasta e roteirista Wilson Freire. Mestre Galo Preto é patrimônio vivo da cultura popular pernambucana. Além do filme, Mestre Galo Preto tem uma quantidade imensa de registros audiovisuais no acervo, dado a sua importância para a cultura popular e salvaguarda de sua história e tradição oral. Como também, outros documentários disponibilizados, como “Jurema

Sagrada, uma religião de matriz indígena no nordeste do Brasil”, “Sabedoria ancestral luta pelos baobás de Olinda”, além de três documentários de título “A conquista de Olinda contra a violência”.

O filme “Mãe Terezinha Bulhões: um mar de amor no coração do Recife” foi idealizado por Alexandre L’Omi e Angola Filmes, lançado em 14 de novembro de 2021, e até a data dessa catalogação tinha 3.432 visualizações e 243 curtidas, possuindo 43 minutos e 41 segundos. Traz, através do audiovisual, a trajetória religiosa de uma das juremeiras e Yalorixás mais antiga da cidade do Recife. Esse registro foi pensado e realizado por Alexandre L’Omi L’Odò e faz parte do projeto “Mourão que não Bambeia”, que tem como objetivo registrar e salvaguardar a memória, história oral e tradicional do povo de terreiro do estado pernambucano, através de pesquisa e registro documental e audiovisual, fazendo nascer seu primeiro trabalho de preservação de memória oral dos grandes sacerdotes e sacerdotisas da religião de terreiro em Pernambuco.

“Malunguinho - o Guerreiro do Catucá, o Rei da Jurema” é um documentário de 2008, foi realizado como um trabalho de conclusão de curso de Jornalismo dos diretores Joao Batista, Diogo Mendes e Luiz Otavio, estudantes na Universidade Católica de Pernambuco, postado nas redes sociais do QCM em 2014, tem 122.119 visualizações e 2,8 mil curtidas. O filme trata do reconhecimento da figura de Malunguinho como personagem histórico e divino. Um grade líder quilombola que vem ganhando seu devido reconhecimento sócio-político-cultural do estado.

Esse trabalho realizado foi intitulado de *Filme etnográfico* e surgiu a partir da experiência pessoal de Alexandre L’Omi L’Odò na pesquisa do Mapeamento Socioeconômico e Cultural dos Povos e Comunidades Tradicionais “Peixinhos de Axé e Ciência - História e Etnografia dos Terreiros de Peixinhos/Olinda”. Foram feitos mapeamentos através de pesquisa etnográfica de campo com mais de 30 terreiros de Jurema no bairro de Peixinhos.

Dentre esses filmes, destaca-se “A ciência dos encantados”, que traz todo o universo litúrgico da Jurema Sagrada, como o culto à árvore da jurema, os mestres, caboclos, as cidades e a bebida jurema. É o documentário de 22 minutos sobre a Jurema Sagrada mais visto na internet, com 929.015 visualizações e 25 mil curtidas, e é disponibilizado pelo acervo do QCM, além de sete páginas diferentes encontradas no canal do YouTube, voltadas a divulgar os saberes da Jurema Sagrada. Como pode ser verificado nesses registros feitos pelo audiovisual a partir das falas, relatos e vivências, se torna uma forma de salvaguardar suas memórias religiosas.

A ciência dos encantados é um documentário de 2007 realizado para um trabalho de conclusão de curso de três estudantes de Jornalismo, Joana Mendonça, Roberta Pena e Talita Corrêa, da Universidade Católica de Pernambuco. Uma das integrantes é Joana Flor, que, além de adepta da Jurema, é uma integrante do QCM desde o início de sua fundação, uma cantora da cultura popular pernambucana, que é uma das representantes da luta contra o racismo religioso.

Eu me chamo Joana Flor, sou formada em jornalismo pela universidade católica de Pernambuco. Eu já tinha contato com os povos originários a partir do pessoal que fazia o curso de religião, história, enfim, e aí quem fazia essa parte de entrevista do roteiro, aí desenvolvi vários projetos voltado para a religião de matriz africana, eles sempre foram de meu interesse [...] quando optei por fazer o documentário eu tava fazendo uma viagem, assim até por aquelas bandas da mata do catucá mesmo, ali por Goiana por aquela região e aí menina do nada veio assim eu vou falar da jurema, aí foi quando eu comecei a pesquisar e tentar entender o significado, enfim até chegar a fazer um documentário etnográfico que foi uma sugestão do meu orientador que era da área do audiovisual e ele me orientou a fazer um documentário etnográfico (Entrevista concedida por Joana Flor em 05/07/2022).

Quando surgiu a ideia de fazer o documentário, Joana ainda não conhecia o culto à Jurema Sagrada. A partir de alguns problemas pessoais que vinha passando, foi orientada a procurar uma casa de jurema para fazer um acompanhamento espiritual. A partir desses contatos, ela começou a pesquisar e foi dessa forma que se aprofundou e desenvolveu o documentário junto com duas amigas.

Desse modo, o filme começa com uma câmera em movimento filmando a entrada na mata, simulando uma pessoa caminhando por uma trilha em meio à mata, enquanto isso uma voz em *off* recita um trecho do livro “Iracema” de José de Alencar (1865): “Os guerreiros seguem Irapuã aos bosque sagrado, onde os espera o Pajé e sua filha para o mistério da jurema. Iracema já acendeu os fogos da alegria, Araquém está imóvel e extático no seio de uma nuvem de fumo”. A partir desse momento, um contra plano, que traz a ideia de superioridade, posicionando de baixo para cima, foca na mata, árvores, céu e sol, que está encoberto pelas folhas das árvores que balançam com os ventos, representando a natureza que é um lugar sagrado para os praticantes dessa religião.

Em seguida, a câmera é posicionada em um plano detalhe, mostrando apenas a mão de uma pessoa segurando um objeto conhecido popularmente como uma quenga de coco, ou seja, um coco partido ao meio objeto muito usado no terreiro para servir a bebida jurema para os participantes de uma gira (reunião de Jurema Sagrada), além da Jurema podem ser observadas algumas ervas dentro do recipiente figuras 8 e 9.

Figura 8 - Bebida jurema sendo servida em uma quenga de coco



Fonte: A Ciência dos Encantados (2007).

Figura 9 - Bebida Jurema sendo servida em um ritual indígena



Fonte: A Ciência dos Encantados (2007).

A partir desse momento, começa uma voz em *off* de uma senhora cantando entoadas de abertura das reuniões de Jurema. Enquanto aparecem várias imagens dentro desse recipiente, como um homem com roupas características de Jurema fumando um cachimbo e soltando fumaça que fica bem evidente na imagem, já que a fumaça é considerada um dos principais elementos de cura dentro dessa religião, assim como uns assentamentos de Jurema com imagens de entidades e plantas.

Seguindo com uma imagem de uma gira de Jurema, onde aparecem pessoas dançando em pé em sentido horário, que é uma das formas de cultuar a religiosidade, assim como na imagem seguinte que mostra uma mesa coberta por uma toalha branca, com taças em cima

conhecidas como príncipes que representa as cidades da Jurema e algumas pessoas sentadas ao redor batendo palmas, essa é outra forma de praticar-se o culto, conhecida como Jurema de mesa.

Ademais, surge uma imagem de uma estátua representando uma indígena que os adeptos chamam de Cabocla. Por conseguinte, a imagem de um homem que durante o filme aparece contando sua história de vida e como passou a cultuar essa forma de religiosidade. Um dado que merece uma atenção maior é o fato de ele estar incorporado com seu mestre (Seu Zé) uma entidade muito cultuada e respeitada pelos juremeiros, além de o próprio mestre falar na entrevista, um fato que não era muito comum principalmente no período que o documentário foi realizado figura 10.

Figura 10 - Foto do Juremeiro Manoel



Fonte: A Ciência dos Encantados (2007).

Por fim, se fecha uma flor amarela para seguir para outro plano, mostrando a senhora que aparece desde o início com a voz em *off*, ela diz “salve a jurema, pode entrar” e, em seguida, a tela fica escura e aparece o título do filme, figura 11.

Figura 11 - Foto de Mãe Biliu



Fonte: A Ciência dos Encantados (2007).

Essa senhora é Mãe Biliu, no momento, já falecida. É uma das principais figuras conhecidas dentro da Jurema Sagrada. Quando gravou essa participação no documentário, ela tinha 103 anos, e relata sua trajetória dentro do culto da jurema. Mãe Biliu de Manoel do Ororubá (seu caboclo e guia maior) é uma das juremeiras mais antigas em Pernambuco, seu terreiro. Como se pode ver nos relatos de Joana Flor:

Aí certo dia quando eu estou passando em uma dessas ruas era umas casas todas conjugadas, quando de repente eu virei e olhei tinha escrito isso na parede “Centro Espírita Rei de Ororubá, desde 1951/1952, Aí eu fiz assim meu Deus uma coisa que antecede a Umbanda e tal, vou lá, aí tinha uma senhorinha sentada assim no terraço, eu conversei com ela, disse assim é da senhora esse centro? Ela disse não, é da minha mãe, aí eu disse ela tá aí? Ela disse tá, está sentada ali, aí eu disse quantos anos ela tem? Aí ela disse ela tem 102 anos, veja, Biliu o nome dela, aí eu entrei num bequinho, era um bequinho bem estreito mesmo, assim sabe?, aí lá no final do bequinho era a porta de entrada do terreiro e na porta mesmo ela tava sentada numa cadeira de balanço, sentadinha, aí eu cheguei, ela foi falado comigo como se ela me conhecesse, como se ela tivesse me esperando sabe? Aí foi o começo do documentário que é aquela parte eu reproduzir, né, que era com a câmera entrando como se fosse eu, ela dizendo salve a jurema pode entrar pra nós conversar e aí Mae Biliu entrou no documentário né, o aniversário dela a gente gravou o aniversário de 103 anos dela e mostrou uma gira de jurema e tal, ela recebeu o caboclo dela que era Manoel de Ororubar que por sinal é a minha corrente de caboclo.

[...] Mae Biliu virou uma Kalunga na casa da gente veja, a casa que eu faço parte, que foi a casa que eu sabia que no dia que eu encontrei com L’Omi novamente que a gente foi fazer entrevista com ele, eu olhei pra ele, a gente foi lá pra mata do catucá e foi fazer lá as imagens dele e aí eu cheguei pra ele é disse olhe, eu no dia que você tiver uma casa é na sua casa que eu vou, e assim total espiritual sabe?, Passaram-se anos e anos até que um dia ele foi pra casa dele em Olinda, e foi tanto que a primeira Pombo gira da casa é a minha (Entrevista concedida por Joana Flor em 05/07/2022).

Além de trazer seu relato sobre Mãe Biliu, que traz consigo sua trajetória de luta no combate à intolerância religiosa, Joana também fala sobre a participação de Alexandre L'Omi L'Odò, que também foi um dos entrevistados no documentário. Como observado, ela o conhecia do período da adolescência e acabaram se reencontrando no período de construção do documentário, já que L'Omi L'Odò sempre esteve à frente da luta por reconhecimento e visibilidade à Jurema.

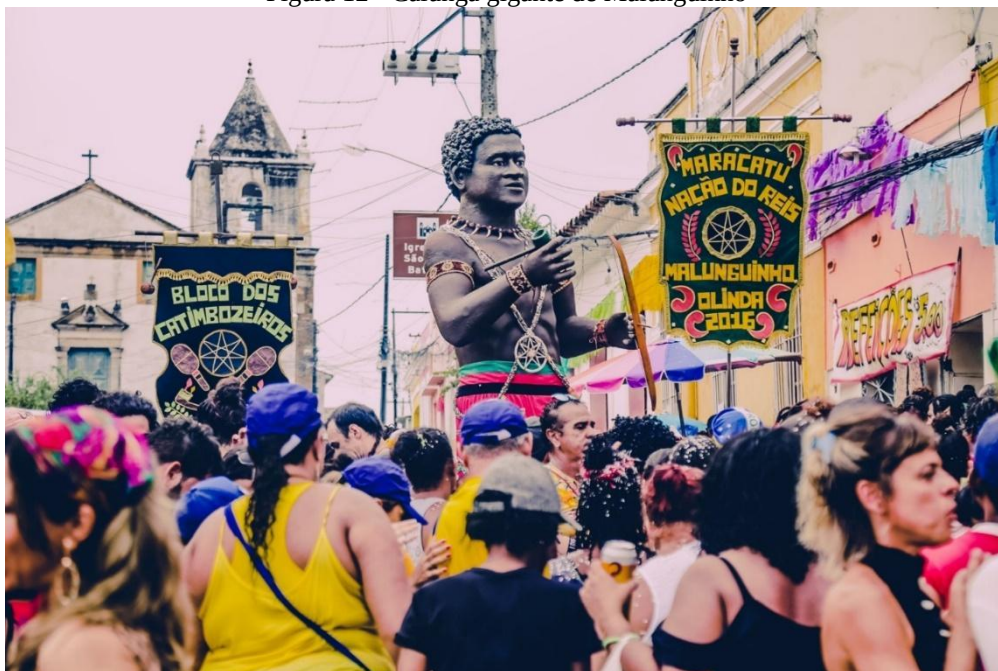
Segundo ela, o filme traz uma proposta lúdica e educativa para quem procura entender sobre a religiosidade do culto da Jurema. Assim sendo, também é responsável por trazer pessoas para a vivência dos seus rituais, já que em seu relato, várias pessoas que hoje fazem parte da casa chegaram até ela e falaram que chegaram até a instituição por conta do documentário, tanto estudiosos, como novos adeptos que acabaram fazendo parte do QCM, bem como da casa das matas que é dirigida no momento por L'Omi L'Odò, que atualmente está à frente da instituição. Dessa forma, pode-se dizer que o filme “A Ciência dos Encantados” traz o encanto da Jurema Sagrada para as telas, através do audiovisual.

A partir dessa fala de Joana, veio a memória do meu primeiro contato com o grupo QCM que aconteceu em 2019 e o convite de Alexandre L'Omi L'Odò para participar dos ensaios do maracatu “Reis Malunguinho”.⁷ Aquela seria a sua saída nas ladeiras de Olinda, logo, aceitei e convidei umas amigas para participarem. Fui algumas vezes nos ensaios, mas não tive muito sucesso nas aulas, por achar também o instrumento muito pesado, mas arrisquei algumas batidas, já que, como uma legítima pernambucana, amo o som do maracatu.

Para contextualizar a fala de Joana, no dia da saída do maracatu, fui convidada a sair no cortejo pelas ladeiras de Olinda em pleno meio dia. Foi dada a mim a missão de fazer o cortejo com a calunga de Mãe Biliu. O maracatu tem uma tradição de colocar calugas para abrir seus desfiles, as calungas têm um papel muito importante para a saída dos maracatus, onde é realizado um ritual privado voltado para esses personagens, que são responsáveis pela proteção daquelas festividades. No maracatu dos Reis Malunguinho são três, o próprio Malunguinho, Mãe Biliu e Mãe Biu de Alhandra, como podem ser observados nas figuras 12 e 13.

⁷ Novamente, utilizo a escrita em primeira pessoa por se tratar de uma narrativa pessoal.

Figura 12 - Calunga gigante de Malunguinho



Fonte: Postagem do Facebook de Alexandre L'Omi L'Odô em 2019.

Figura 13 - Bloco dos Catimbozeiros



Fonte: Postagem do Facebook de Alexandre L'Omi L'Odô em 2019.

E, por último, o filme “Malunguinho”, que teve duas adaptações: uma para TV e outra para curta-metragem. Para se adequar aos editais, esses filmes foram escolhidos por trazer a história de Malunguinho através dos registros oficiais, como comprovação da sua existência como guerreiro do Catucá, que lutou pela libertação dos negros, mas não teve seu devido reconhecimento pelo estado. Hoje está sendo modificado com a aprovação da Lei

Malunguinho, que versa sobre a vivência e prática da cultura afro-pernambucana. Outra forma é o filme Malunguinho, através do formato de curta-metragem, que tem uma forma mais poética e foi adequado para concorrer a editais, como através do documentário, que traz a documentação oficial disponibilizada no APEJE.

O que torna a escolha desses filmes para análise é justamente esses dois formatos de produção em que foram usados, em muitas cenas, o mesmo material, porém a partir de algumas modificações, ou seja, no formato para se adequar a públicos específicos. Outro motivo é o processo que vem ocorrendo ao longo do tempo em torno da figura de Malunguinho.

Trazendo esse conceito para o atual objeto, o acervo disponibilizado através das mídias sociais, ou seja, o material audiovisual disponibilizado no canal do YouTube pode ser considerado uma infraestrutura, pois traz promessas e desejos. Assim como a presença das lideranças religiosas do QCM e seus anseios e projetos, que, através desse filme e documentário, podem-se ver representados na tela passados, presente e futuro. Ademais, podem-se verificar ao longo do tempo suas conquistas durante esses 17 anos, seja a aprovação de leis municipais e estaduais, visibilidade para a Jurema Sagrada e a consagração do Kipupa Malunguinho que se tornou o maior encontro de juremeiros do Brasil.

Outro motivo da escolha é a importância da preservação da transmissão oral do conhecimento para o povo de terreiro, a relação que tanto o documentário quanto o filme de curta-metragem trazem à relação da religião com a natureza, que vem sendo um elemento destacado na maioria dos trabalhos audiovisuais que retratam a religiosidade da Jurema Sagrada. Além da importância do audiovisual e mídias sociais que cada dia ganha mais destaque nos estudos voltados para as Ciências Humanas.

4 A POLÍTICA E A POÉTICA DAS INFRAESTRUTURAS DO CURTA-METRAGEM E DO DOCUMENTÁRIO DE MALUNGUINHO

Diante o exposto, apresenta-se a análise das produções audiovisuais Malunguinho Curta-Metragem e Malunguinho Média-Metragem - Documentário para TV, sobre as chaves analíticas da antropologia da infraestrutura de produção e de reprodução. Ademais, a antropologia da infraestrutura, como campo de estudo, se concentra em como as infraestruturas são projetadas, construídas, usadas e mantidas, e como essas atividades são influenciadas e influenciam as relações sociais e culturais.

A poética e a política das infraestruturas são termos utilizados por Larkin (2020), política e poética se referem à maneira como as infraestruturas são representadas e simbolizadas, e como essas representações afetam as percepções das infraestruturas e das relações sociais, assim como governança regulamenta-as, e como essas questões afetam a distribuição de recursos e acesso a essas infraestruturas.

Através desses filmes, documentário Malunguinho e curta-metragem Malunguinho, que estão disponibilizados no canal do YouTube, evidencia-se uma importância relevante para o povo de terreiro, não só no estado de Pernambuco, mas nacionalmente. Desse modo, tanto o filme curta-metragem quanto o documentário para televisão têm o mesmo título, como se pode observar na figura 14.

Figura 14 - Frame do filme Malunguinho



Fonte: Malunguinho - curta-metragem (2013).

O documentário para a TV foi aprovado em edital do Funcultura de 2010, e lançado em 2012, um ano antes do filme. Ambos se complementam, uma vez que foram aproveitadas cenas do documentário para a confecção do filme, assim como o documentário conta, por meio de artifícios e da linguagem documental – de depoimentos e exposição de documentos – para contar sobre a história no qual o filme retrata. O filme “um curta-metragem de duração 14’53”, contou com uma equipe técnica envolvendo pelo menos 27 pessoas; enquanto o documentário, de duração de 47’42”, teve uma ficha técnica de grandeza parecida.

Segundo a história exposta, Malunguinho foi um grande líder do Quilombo do Catucá, nos arredores de Recife, no início do século XIX. Apesar de ter sido assassinado em 1835, ainda hoje é cultuado pelos praticantes da Jurema Sagrada, religião de matriz indígena com influências africanas do nordeste do Brasil. O objetivo maior é trazer à luz esse grande personagem histórico, reivindicando sua importância na luta e organização da população negra frente à escravidão, ao racismo e ao colonialismo.

É importante pontuar, primeiramente, que o documentário participou de editais estaduais de financiamento à produção, fruição e divulgação cultural do estado de Pernambuco. Uma política importante que visa democratizar o acesso às linguagens culturais, como o audiovisual, assim como ser uma fonte de recursos para produções locais. Esse é um ponto relevante, uma vez que, talvez, sem essas políticas, produzir esse conteúdo não seria possível. Particularmente, no audiovisual, só é possível se consolidar por meio do financiamento público que fomenta a indústria. Pode-se utilizar o exemplo da maior indústria cinematográfica do mundo, a indústria estadunidense, e observar que está só se viabiliza por meio de grande financiamento estatal.

Como se pode observar na citação Nogueira (2009, p. 35):

A década de 90 foi marcada pela mudança nas políticas culturais de incentivo à produção audiovisual, no âmbito do Governo Federal e no Estadual. O fator preponderante para a retomada da produção cinematográfica foi, sem contestação, a aprovação da Lei Rouanet, voltada para o incentivo à cultura em geral, no ano de 1991. Dois anos mais tarde, uma nova lei, a Lei do Audiovisual, era aprovada, permitindo assim a capacitação de recursos para projetos de cinema das empresas particulares através da renúncia fiscal. O governo do Estado de Pernambuco e a Prefeitura do Recife criaram novos programas de incentivo à cultura que deram novo alento às produções culturais locais.

Corroborando com Nogueira (2009), transcreve-se uma parte da entrevista com Felipe Peres Calheiros em relação às políticas de incentivo para promover o audiovisual em Pernambuco:

Quando o Malunguinho – o projeto Malunguinho ele estava tentando se estabelecer. Pernambuco tinha uma das Leis mais importante para o financiamento dentro do audiovisual no país, era muito reconhecido Pernambuco por essa Lei que trazia recursos para o audiovisual. Depois dali houve um tempo de muita fartura ne, com a própria agência nacional de cinema, no fim do governo Lula e governo Dilma oferecendo muitos recursos para a produção independente, então eu acho que teve um período de muita fartura mesmo de recurso para o audiovisual e que depois do golpe né, que aconteceu em 2016 a gente teve essa diminuição muito grande de recursos de financiamento das políticas públicas culturais. Isso foi sentido pelo cinema com certeza, mas é sentido por toda uma cadeia de cultura, da música, das comunidades afrodescendentes, dos povos tradicionais que tinham um projeto de cultura estabelecido em um país, que foi totalmente desestruturado como outras políticas públicas nacionais, então realmente quando eu comecei eu tive que me dar com essa forma de fazer sem recursos até porque eu não tinha nome, não era conhecido, então tem um tempo até você circular nos festivais, ter um currículo, ter esse nome reconhecido entre a cadeia do audiovisual pra ser uma pessoa que possa aprovar projetos, e então teve muitas dificuldades no começo para me estabelecer dessa forma (Entrevista concedida por Felipe Peres Calheiros em 04/09/2021).

A cota de tela é uma das políticas públicas com o objetivo de incentivar as produções nacionais e foi uma das primeiras políticas públicas implantadas nos Estados Unidos para garantir o lançamento de títulos nacionais. A agressividade de sua porcentagem (100% do parque exibidor) ensinou os americanos a apreciarem o seu próprio cinema e artistas, criando um hábito de grande valorização do produto nacional. Pode-se utilizar como exemplo filmes como “Os vingadores”, produzido pelas produtoras norte-americanas, que ocupou mais de 90% das salas de cinema no período de seu lançamento, e que seguiu por algumas semanas ao redor do Brasil. Filmes como o Malunguinho, uma produção nacional, sequer foi às grandes telas dos cinemas espalhados pela cidade.

De todo modo, os editais públicos de financiamento são um passo importante, uma vez que dão acesso a produtores culturais locais que têm um conteúdo não ocidental, como a deste filme que conta a história de Malunguinho, um grande líder revolucionário quilombola que lutou contra o colonialismo. Figura esta que, por sua vez, é apagada das historiografias locais pelo processo de branqueamento da história nacional. Jamais foi de interesse das elites nacionais dar visibilidade à história de luta e resistência dos explorados no Brasil, como Malunguinho, Zumbi, para ficar em breves exemplos. Até hoje não se tem uma grande quantidade de produções que persiste no imaginário nacional.

Por outro lado, implica afirmar que o financiamento da produção apenas não é suficiente, mas também deve ter leis rígidas de cotas de quantidade de salas para as produções nacionais e locais. Somando pouco mais de 60.000 visualizações na plataforma de vídeo YouTube, tem-se uma obra subaproveitada. Veem-se os roteiros hollywoodianos com seus diversos clichês serem recordes de bilheterias, talvez, pela pressão das distribuidoras e salas de cinema ou pela campanha de divulgação feita através das redes sociais, que aumenta o

engajamento com os consumidores desse tipo de conteúdo, conseqüentemente o aumento de bilheteria. Desse modo, é preciso, acima de tudo, pautar essas políticas de distribuição e de acesso de forma igualitária, mesmo que seja um grande percurso a ser construído.

Sendo assim, mesmo com uma equipe considerada pequena, cerca de 20 pessoas, vê-se um filme que gerou uma renda pontual para os envolvidos na equipe, mas que não deu consistência e segurança para que eles continuassem produzindo, ou seja, continuando reféns das políticas de financiamento, insuficientes e limitadas. Portanto, é preciso aumentar qualitativamente e quantitativamente o financiamento.

Entretanto, é preciso pautar como as instituições governamentais vão financiar, de modo que venha a beneficiar a população local; pensar em planos de carreira para os trabalhadores da indústria do cinema local; e definir a melhor forma de distribuição, de modo a tornar as produções mais acessíveis ao público, sendo, inclusive, tais produções, um instrumento de divulgação e de diplomacia para que leve a um público maior a história e a cultura de uma população.

Acho que falta hoje pra o audiovisual são melhores condições de distribuição dos recursos entre as diferentes regiões do país, entre as diferentes pessoas do país, e entre diferentes formas de investir no audiovisual. Eu falo que a gente pode ter tantos recursos pra gravar filme de longa metragem e ter tão pouco recurso pra fazer oficinas de formação sabe? Porque a política pública do audiovisual e da cultura, ela precisa ter efeitos e valor pra sociedade como um todo, ela não pode ser uma política que se dedique somente a quem faz filme sabe? A gente precisa que a além dessa produtiva, dessa cadeia produtiva do audiovisual a gente também tenha a repercussão disso pras pessoas de forma geral que acabaram sendo as pessoas do Brasil que financiam né, recursos públicos não vem só da cadeia produtiva, ele vem de todo mundo, então é importante que haja repercussão positiva pra o máximo de pessoas, seja através da vinculação de tv pública, a circulação em cines clubs, em cinemas populares e públicos, a gente precisa eu acredito rever a política da cultura pra que ela não funcione só pra quem é produtor de algum tipo de expressão artística, mas que a gente possa ter uma política pública de cultura que as pessoas em geral deem valor e não permitam que haja retrocessos (Entrevista concedida por Felipe Peres Calheiros em 04/09/2021).

Com base nisso, se pode entender que, sem essas políticas públicas que abranjam o maior número de pessoas, como se pode observar no relato acima, acabam por sufocar a produção de oficinas, filmes e documentários como o de Malunguinho, impedindo-as que se tornem debates nacionais, discutindo os aspectos técnicos, estéticos e históricos do filme. A poesia da infraestrutura do filme, desse modo, está sendo selecionada por políticas, distribuição e realocação de recursos que a produção fílmica de Malunguinho seja incipiente.

Outra questão a se pontuar é como a poesia e a política das infraestruturas define a produção cinematográfica de um produto audiovisual de várias maneiras. A poética da

infraestrutura, se referindo à maneira como as infraestruturas são representadas e simbolizadas no filme de uma forma mais poética, como se pode observar no curta-metragem, assim como no documentário que tem um viés mais político de questionamento e reivindicação do reconhecimento oficial pelo estado de Pernambuco da figura de Malunguinho, mas também em como essas representações afetam a percepção das infraestruturas e das relações sociais e culturais que elas suportam.

Por exemplo, se um filme, como no caso dos filmes norte-americanos que se colocam como os salvadores do mundo e como os legítimos a intervir na relação de conflitos, como no cinema estadunidense, isso transmite uma imagem positiva, mesmo que exista uma distorção dos fatos. Por outro lado, o filme retrata, por meio de uma estereotipização, um povo flagelado por ser refém de um grupo político autoritário, que durante séculos não teve seus líderes reconhecidos pelo estado, como se pode ver no caso de Malunguinho.

Dito isso, citam-se aos aspectos de produção das duas obras - documentário e curta-metragem -, ambos intitulados “Malunguinho”. Como mencionado, o roteiro do filme dramatiza e ilustra o que o documentário aborda, sendo realizados pelos mesmos produtores. Percebe-se uma preferência política pela seleção de atores negros, não poderia ser diferente, para contar a história do personagem histórico Malunguinho, o qual resiste e guia seu povo para o enfrentamento contra as instituições escravistas.

Outra coisa que é importante falar é sobre os atores né, e atrizes que participaram do filme, a gente também teve a preocupação de trazer atores e atrizes do filme que tivesse relação com o terreiro de jurema ou candomblé, então eram pessoas que não necessariamente tivesse experiência em artes cênicas e que tiveram uma curta formação pra poder atuar nesse filme nesse curta metragem que essas imagens dessa ficção que tem atores, elas tanto serve para o documentário televisivo desse filme maior que eu falei, mais de 40 minutos quase perto de 50 minutos também serve pra o curta metragem que é um produto de 13 minutos que já vai ter outras imagens como eu também mencionei que algumas delas não estão nesse material do documentário (Entrevista concedida por Felipe Peres Calheiros em 04/09/2021).

A partir desses relatos, é possível observar a importância das políticas públicas voltadas para o incentivo desse tipo de produção de forma oral, voltado para a população afro-brasileira através dos registros audiovisuais de sua tradição e cultura, uma forma de transmissão de saberes que é muito preservada pelos praticantes das religiões afro-indígenas-brasileiras. O *script* do filme é, em si, contra hegemônico por ter como principal objetivo, como mencionado, resgatar a figura histórica de Malunguinho, trazendo à população o conhecimento de um líder histórico.

No filme, portanto, o destaque para a natureza se dá por ser considerado elemento sagrado, a Mata Atlântica, os cantos e os indumentários de matriz africana são expressivamente presentes na trama com tomadas que intercalam a calmaria, o vento nas árvores com a agitação dos batuques e cantos dos orixás e mestres da jurema. O fogo, também, faz referência aos incêndios causados na tentativa de destruição dos quilombos e espaços de refúgios dos escravizados, que serviam uma alternativa à sociedade colonial.

A dramatização inicia com um trecho original, desenvolvido para a trama, do Poeta Miró, que também é selecionado não por acaso, uma vez que é um poeta negro marginal da cidade do Recife que traz em sua arte a vivência da população negra no país:

Donos da escrita, historiadores da elite, tentando reduzir a trajetória do negro aos documentos policiais. Mas a oralidade rasgou o tempo, mesmo com todas as chacinas e perseguições da nossa religião. As palavras escritas continuam servindo ao lado mais branco desse país. Por isso, não escreveremos este título e esta tela. Ao menos desta vez. Vai continuar preta. Este é o filme de Malunguinho! (Malunguinho - curta-metragem, 2013).

Essa fala introdutória sintetiza toda a questão política e a consequente importância do filme, pois ainda é incipiente a produção que aborda as questões da população negra de forma responsável. Além disso, traz às telas a versão histórica contada pela população escravizada - diferente daquelas versões que estão nos documentos policiais e na análise histórica dos historiadores brancos, da chamada elite. Ao mesmo tempo, essa fala fornece indícios da escolha estética de todo o filme: narrações em *off*, com quadros fechados que privilegiam as expressões dos atores e atrizes (Miró da Muribeca, Antônio Carlos dos Santos, Jamila Marques, Luciano Santana, Patrícia Nascimento (Diva), Paulo Queiroz, Verônica Santos e Yury Matias), e suas angústias diante da perseguição das forças coloniais do início do século XIX.

No texto seguinte, é evidenciada a visão racista da qual se dispunha os registros coloniais, que tratavam a população ali afugentada da escravidão como canibais e diabólicos, como se a violência reativa fosse indigna e sem justificativa frente às violências do sistema escravista:

Ilustríssimo senhor, os pretos afugentados do quilombo do Catucá andam reunidos nas imediações da vila de Igarassu, chegando à sua audácia ao ponto de haverem agredido a tropa ali destacada. Tornam-se de indispensável necessidade que o senhor tenente-coronel disponha as mais enérgicas providências e convenientes medidas para o fim de conseguir o inteiro aniquilamento dessa orda de canibais. 16 de fevereiro de 1829 (Malunguinho - curta-metragem, 2013).

Ao mesmo tempo em que situa a conjuntura histórica e política da região, o texto escancara a visão escravista na qual eram tratados os negros refugiados. É nesse intento que as cenas buscam revelar a angústia sofrida pela perseguição da cavalaria da região para dismantelar a resistência que ali existia, trazendo fogo às cenas onde havia pessoas vivendo nas matas com as suas práticas religiosas, como se pode observar nas figuras 15 e 16.

Figura 15 - Cena representando os quilombolas ao redor do fogo



Fonte: Malunguinho - curta-metragem (2013).

Figura 16 - Miró da Muribeca cena retirada do curta metragem



Fonte: Malunguinho - curta-metragem (2013).

Aqui é o ponto de vista do escravizado, angustiado e desamparado com as injustiças e violências coloniais, diferentemente do que se é comum observar nos filmes tradicionais. Como afirma Felipe Calheiros:

O curta metragem ele tinha o objetivo de circular em festivais de cinema e por isso ser mais sensorial, ser uma experiência sensorial, que pudesse não explicar diretamente quem foi malunguinho mas pudesse criar sensações nos expectadores de cinema de festivais de cinema, onde o filme circulou para que eles tivessem experiência mesmo de através do audiovisual ter uma mensagem que comunicasse essas misturas de campo né?, entre a luta negra histórica e a luta negra que está dentro dos terreiros né, e utilizando-se de textos históricos de poesia de Miró da Muribeca, de imagens de canaviais queimado, de uma pequena ficção que é gravada dentro da mata do catucá a gente teve a preocupação de fazer as gravações, inclusive da parte ficcional dentro da mata do catucá, onde acontecia o quilombo cultural malunguinho o (KIPUPA) também teve essa preocupação e pra gravação é a ideia era essa tentar levar essa informação da existência de malunguinho pra mais pessoas extrapolar Pernambuco, extrapolar essa discussão local e acabou que o filme estreou no Rio de Janeiro e teve uma circulação em alguns festivais que permitiu que algumas pessoas conhecessem a história do malunguinho como..., através dessa, desse espaço de cinema, de produção audiovisual, digamos com mais conceito, com mais artisticamente mesmo né (Entrevista concedida por Felipe Peres Calheiros em 04/09/2021).

O filme, satisfatoriamente, traz à tona uma visão, do ponto de vista do grupo que sofreu com a violência, sobre a experiência colonial que foi violenta e intolerante com aquelas populações que aqui foram transplantadas forçosamente.

O Malunguinho – “Documentário para TV, uma média-metragem de 47’42”, tem mais tempo e cuidado para tratar sobre Malunguinho. O documentário começa com a tela preta enquanto é recitado o poema que caracteriza um manifesto do povo negro. Ele diz que não vai colocar o título, pois a tela vai continuar preta para representar a existência do povo negro que continua sem espaço e sendo retratado como a minoria desse país.

O documentário começa mostrando uma moça adentrando a mata, cena que também é mostrada no início do curta-metragem, logo após a fala descrita acima, pois essa cena que aparece nos dois filmes, o documentário mostra uma gira de Jurema e cantando uma entoada para Reis Malunguinho. “Ele é preto, Ele é bem pretinho, salve a coroa do Reis Malunguinho”, acredita-se ser de uma importância fundamental trazer para o texto, dado que, mesmo que de forma diferente, os dois trazem a relação do negro e sua resistência, que perpassa todos os lugares sociais, e o cinema não é diferente.

Isso posto, é explorada a história da religião Jurema, uma religião de origem indígena que se modificou em contato com as populações quilombolas, incorporando vários de seus elementos. De acordo com os entrevistados Sandro Jucá, Alexandre L’Omi L’Odò e João Monteiro, a figura de Malunguinho é o link entre a necessidade de afirmar a identidade afro, reverenciado enquanto um símbolo de luta, e a história da população negra escravizada que vivia no Nordeste.

Malunguinho é uma figura tão emblemática quanto o guerreiro Zumbi. Segundo afirmam Sandro de Jucá e Alexandre L’Omi L’Odò em um trecho do documentário:

É a história realmente legítima do negro, e aquela história do Malunguinho, do Malunguinho líder quilombola, do Malunguinho como figura que faz parte da história de Pernambuco ficava sempre a margem do conhecimento do público né, então foi muito importante esse momento, além de ser o momento de agregação foi um momento que mostrou a comunidade de terreiro, as pessoas de terreiros que realmente esse espaço é de todos, esse espaço ele não fica restrito aos brancos, é um espaço que nós pertencente a religião, a gente nesse momento a gente se sentiu , todos nós, nos sentimos legitimados como coparticipantes da história do Brasil (Malunguinho - documentário para TV, 2013).

Fala de Alexandre:

Nós juremeiros/juremeiras sobre tudo a gente que trabalha com o QCM diretamente, a gente tem um sonho que é Malunguinho seja escrito como herói nacional no livro... dossiê que está em construção já desde sempre a gente vem tentando criar argumentos, não criar mais sistematizar porque esses documentos são todos reais, materiais e imateriais também pra que Malunguinho venha a ser tal qual Zumbi, seja considerado um herói nacional (Malunguinho - documentário para TV, 2013).

Dessa forma, grande parte do documentário é realizada no Arquivo Público de Pernambuco Jordão Emerenciano, figuras 17 e 18. Os entrevistados afirmam que há a necessidade de ainda mais estudos nos arquivos ali, ainda inexplorados, que podem servir de fomento para a reconstrução da história que até então é contada pela historiografia branca e colonial.

Figura 17 - Fachada Arquivo público



Fonte: Malunguinho - documentário para TV (2013).

Figura 18 - Arquivo público



Fonte: Malunguinho - documentário para TV (2013).

No entanto, o ponto principal do documentário é dado e a sua grande relevância para a justificativa da escolha desses trabalhos para serem analisados é que esses, os arquivos, não são suficientes. A história oral, contada nos pontos de jurema, é um rico material que deve ser validado enquanto de valor historiográfico e documental. As indumentárias da tradição da jurema, usadas pelos entrevistados no documentário, como o chapéu de palha, as guias e o cachimbo, também são uma poesia marcante no documentário, figura 19. Trazem um contraste quase que inquietante aos olhos colonizados, uma vez que o ambiente do Arquivo Público só é visível esses ornamentos nos livros que ali constam.

Figura 19 - Foto de Alexandre, Joao e Sandro retirada do Documentário Malunguinho



Fonte: Malunguinho - documentário para TV (2013).

É como se muitos daqueles documentos tomassem vida e dominassem o ambiente, enegrecendo-o. É uma imagem simbólica, de resistência e ocupação, como se pode ver em um trecho da fala de João Monteiro no documentário:

Tudo começa aqui no arquivo público o órgão responsável pela guarda de toda a documentação histórica produzida pelas instituições públicas do estado e observamos que a maioria dos intelectuais que frequentava a casa, eles pesquisavam assuntos diversos, e quando se tratava da pesquisa do povo negro sempre era como escravo (Malunguinho - curta-metragem, 2013).

Durante o documentário, há a narrativa de que houve gradativamente um resgate da figura de Malunguinho, que “antes estava no papel e toma os terreiros”, como afirma João Monteiro. Um movimento de insurgência que busca dar evidência a uma figura histórica da qual levanta a bandeira de uma causa que ainda não está resolvida e tem muito a contribuir tanto na valorização das conquistas histórica da liberdade do povo negro em Pernambuco, quanto no que se refere ao combate ao racismo e a intolerância religiosa. Isso através da Lei Malunguinho, que tem por objetivo trazer informação sobre a cultura afro-brasileira, que essa lei venha de fato a fazer parte efetiva das ações dentro das escolas pernambucanas.

O filme e o documentário, portanto, são uma expressão em si do resgate dessa figura. Por meio de pressão popular, os povos de terreiro, reivindicando a imagem de Malunguinho, lutaram para que fossem mobilizadas infraestruturas, ou seja, financiamento público para o financiamento da produção de um filme sobre a história do personagem histórico. Junto ao filme, se luta pelo reconhecimento e por mais políticas afirmativas para uma população que é historicamente oprimida e que são descendentes diretos dos vários quilombos, como o do Catucá.

O filme e o documentário trouxeram às telas a experiência de fazer uma produção audiovisual, figuras que provavelmente jamais teriam a oportunidade se não fosse as políticas de financiamento de produções locais. Mães de santo, juremeiros, artistas negros e negras, diretores e cineastas com sensibilidade aos povos de terreiro, pesquisadores que estudam a história da população negra.

O filme, ele foi aprovado como um projeto de documentário pra televisão e a gente aproveitou o recurso que chegou pra o projeto que era bem pequeno e que a gente aproveitou da melhor forma para fazer tanto a produção do documentário televisivo né, como vocês podem vê na internet, um documentário que ele tem muita entrevista, com Joao com Alexandre que tenta explicar o propósito do quilombo cultural Malunguinho e fala um pouco da jurema sagrada, um pouco da própria existência de Malunguinho divino e histórico (Entrevista concedida por Felipe Peres Calheiros em 04/09/2021).

Esses tiveram oportunidade de agarrar uma mínima infraestrutura para contar suas próprias histórias em um ato de resistência e enfrentamento ao colonialismo cultural. Foi o suficiente para que se eternize, por meio do audiovisual, a história de Malunguinho, para que essas questões se tornem de utilidade pública no debate nacional, valorizando sua história que ficou durante muito tempo apagado pela historiografia branca, colonial e burguesa que predomina nas salas de cinema, nas universidades brasileiras e nos livros de história.

Desse modo, foi analisada a produção audiovisual sobre Malunguinho, já que esses filmes foram realizados pelo Coletivo Asterisco idealizado pelo grupo QCM e dirigidos por Felipe Peres Calheiros, cineasta Pernambucano, documentarista e fotógrafo desde 2003, membro do Coletivo Asterisco desde 2006. Ele coordenou também o projeto “Tankalé: formação para o auto registro audiovisual quilombola”, entre 2006 e 2010.

Segundo Felipe Peres Calheiros, sua relação com o audiovisual começou entre 2003/2004, a partir do seu envolvimento com os movimentos sociais voltados para as questões indígenas e quilombolas. Foi assim que começou seu primeiro contato com o QCM, quando ainda faziam seus encontros no arquivo público. Segundo seus relatos, foi a partir desse momento que ele teve conhecimento a respeito da figura de Malunguinho como um líder histórico e divino.

Felipe Peres Calheiros sempre esteve presente nas atividades realizadas pela instituição, como se pode verificar nas falas abaixo:

Ele chegou a fazer o primeiro filme Malunguinho. Esse filme foi um filme aprovado né, por uma lei de incentivo, acho que foi o Funcultura, eu acho tem até ali no cartaz e esse filme ele fez em 2 filme, é um curta metragem e um media metragem que é um documentário. O curta é uma linguagem mais poética dele, mas também é um filme muito lindo, mas ele também é autor de um filme muito famoso como por exemplo a (cerca da cana) e outros que são filmes dele que ganharam muitos prêmios em festivais nacionais (Entrevista concedida por Alexandre L’Omi L’Odô em 29/07/2021).

O nosso amigo Felipe Peres Calheiros, ele desde o início, Felipe acompanha a gente tanto é que ele fez um vídeo o primeiro vídeo do kipupa que tem seu Luiz falando, Mae Lucia falando, Sandro de Jucá né, alguns depoimentos de quem começou mesmo e foi muito massa esse vídeo, mas ele é muito representativo (Entrevista concedida por João Monteiro em 05/04/2022).

Além disso, o filme citado na fala de Alexandre e na de João Monteiro pode ser considerado um vídeo documentário (pois tem várias entrevistas). Esse vídeo é um trabalho muito importante para o grupo. Ele foi realizado para registrar o primeiro Kipupa Malunguinho, que se tornou o maior encontro de juremeiros do país, além de entrevista com religiosos que participaram do evento. Através desse trabalho, é possível ter a dimensão de

como o evento veio se modificando e consolidando ao longo do tempo, seja no formato do evento, seja na quantidade de adeptos que foram atraídos a participar.

O registro do kipupa né, do primeiro kipupa, ele nasceu do ponto de vista desse contato que Eu já tinha com o quilombo cultural malunguinho, então na época eu acho que era Joao Monteiro, Alexandre L'Omi L'Odò e Sandro de Jucá que estava de frente dessa articulações e aí eles me convidaram para fazer um registro em vídeos, esse registro foi feito e disponibilizado em DVD, na época para o próprio quilombo cultural esse registro era..., aconteceu como parte dessa militância mesmo que Eu fazia junto ao movimento negro, junto ao movimento de matriz africana e quilombola pra que fosse produzido registros e imagens dessa luta (Entrevista concedida por Felipe Peres Calheiros em 04/09/2021).

Como pode ser observado, Felipe Peres Calheiros sempre esteve presente nas atividades relacionadas ao grupo. Quando surgiu a ideia da produção do filme, tanto do documentário quanto do curta, foi um projeto construído junto ao grupo:

A gente começou a conceber esse filme já em 2005, assim que eu conheci o QCM e fiz uma exposição lá no arquivo público não sei se em 2005 / 2006 a gente começou a propor esses projetos para as leis de incentivo à cultura da prefeitura e do estado que não teve aprovação em vários anos, também o edital da fundação Joaquim Nabuco e nunca tinha sido aprovado, então eu acho que entre a concepção do filme e a própria estreia do filme a gente teve aí 8 anos de 2005 a 2013. Esse filme ele foi sendo gerado/gestado né, pensado, concebido junto ao próprio QCM e a gente submeteu, Eu acredito pelo menos umas cinco vezes num projeto ao FULCULTURA na época, Eu era um produtor cultural iniciante e vinha tentando aprovar esse projeto em diversos editais, entre eles o do fulcultura, que foi depois de umas cinco tentativa aprovou, esse projeto para a realização dele salvo me engane em 2011 e aí a gente teve a chance de fazer a gravação desse filme. [...] Eu acho que talvez o filme de media metragem que é esse documentário pra TV ele foi feito que é o de 40 e poucos minutos, ele foi lançado em 2012, salve engane, eu posso depois confirmar as datas, mais é um tempo longo, entre a concepção e a própria realização do filme. se somar todos os dias de gravação a gente chegar a um mês pra o filme. Agora a edição demorou muito a gente teve acho entre seis meses a um ano pra editar o material, isso foi realmente um quebra cabeça como juntar principalmente o curta metragem deu muito trabalho pra montar a gente teve que encontrar serie de soluções estéticas e como juntar os textos, os arquivos que falava da existência dos mocambos do Catucá, então isso deu muito trabalho pra encontrar soluções mesmo do ponto de vista estético, que ficasse melhor dentro do filme (Entrevista concedida por Felipe Peres Calheiros em 04/09/2021).

O filme foi lançado no Cinema São Luiz, figura 20. Um dos cinemas de rua mais antigos em funcionamento no país. Foi inaugurado em seis de setembro de 1952, tombado como monumento histórico pelo Governo do Estado de Pernambuco em 2008 por meio da FUNDARPE, fazendo parte da história do cinema em Pernambuco com preços acessíveis e tornou-se um patrimônio do povo pernambucano.

Figura 20 - Estreia do filme no Cinema São Luiz



Fonte: Postagem do Facebook de Alexandre L'Omi L'Odò em 2012.

Dada a importância do Cinema São Luiz, o filme *Malunguinho* foi lançado no dia da comemoração da consciência negra, dia 20 de novembro, o que contou com uma rede de divulgações tanto dos movimentos sociais voltados para o combate à intolerância religiosa, quanto nas redes sociais do Coletivo Asterisco, Felipe Peres Calheiros e grupo QCM, como se pode verificar em um trecho retirado de uma postagem de novembro de 2012 referente ao lançamento do “Filme *Malunguinho* estreia no Cinema São Luiz Recife e na TVU com exibição especial na televisão Pernambucana no Dia da consciência Negra”⁸ figuras 21 a 23.

Figura 21 - Foto Estreia do filme no Cinema São Luiz



Fonte: Postagem do Facebook de Alexandre L'Omi L'Odò em 2012.

⁸ Disponível em: www.qcmalunguinho.blogspot.com.

Figura 22 - Foto público na Estreia do filme no Cinema São Luiz



Fonte: Postagem do Facebook de Alexandre L'Omi L'Odô em 2012.

Figura 23 - Foto Alexandre, Sandro, Joao, Felipe e etc.



Fonte: Postagem do Facebook de Alexandre L'Omi L'Odô em 2012.

Como pode-se observar nas imagens do dia de lançamento, o filme teve uma ótima recepção, com as salas lotadas e cheias de representatividade das comunidades tradicionais, e a sessão ainda pôde contar com uma roda de conversas com os participantes do filme: produtor, diretor, pesquisadores, atores e entrevistados. Além de muitos comentários positivos nas páginas das redes sociais:

Pelo que pode ser observado, no Facebook tem muitas postagens pessoais, como aniversários, festas comemorativas, e até mesmo de marcações de amigos, sejam de assuntos pessoais, eventos comemorativos ou ligados à jurema e candomblé, assuntos ligados à intolerância religiosa ou racismo, e nota de falecimento. Dessa forma, foram observado que a maioria dos comentários tem uma forma simplificada, palavras curtas como: “Salve a Jurema Sagrada”, “Saravá a Jurema Sagrada”, “Sobô Nirê Mafá salve o Reis Malunguinho”, “Salve a nossa ancestralidade indígena”, Salve Malunguinho”, “Salve os caboclos e a Jurema Sagrada”, “Sobonire salve a Jurema Sagrada”, Sobonire mafa” e “Salve a coroa do Rei Malunguinho”, seguidas de corações ou palmas. Sendo assim, um dos motivos viáveis para esse perfil de comentários seria a quantidade de acesso que o Facebook está tendo, pois é uma rede social que não tem tanta visibilidade atualmente pelo público mais jovem, em comparação ao Instagram.

Os perfis de comentários do Instagram são de frases comuns ditas nos terreiros ou eventos públicos que tenha a presença de juremeiros e juremeiras, assim como no Facebook. A diferença é o perfil das mensagens, como se pode verificar no perfil de Alexandre⁹:

Nós que agradecemos companheiro. Agora o acervo está nas mãos certas; nas mãos de quem deve estar. Em breve organizaremos essa exposição novamente, desta vez no Recife. Malunguinho da mata é Rei!! Salve o Kipupa Malunguinho!! Seguiremos na luta. s:

Que maravilha exposição em vários estados agora na Casa das Matas do Reis Maluquinho. Por esse artista maravilhoso @allan.luna viva nosso acervo da Casa das Matas de muito axé e fé !♡

Sobô Nira Emocionante, pena as principais cidades da Jurema Sagrada terem se perdido assim no tempo, Sobô Nirê, salve cidade !

Vendo mais uma vez esse documentário seminal! Além do peso histórico em relação aos povos originários, esse trabalho dá pano pra análise da branquitude - que desvela inúmeras faces em 4 personagens! Muito obrigado pelo compartilhamento! Esse teu canal do YouTube é demais!!!

SALVE, SALVE OS REIS MALUNGUINHO. E, SALVE A JUREMA SAGRADA.

Como sempre o senhor na luta pela libertação por que através do conhecimento que as pessoas podem ser libertas 🙌🙌🙌🙌🙌🙌

Muito lindo o jeito que o senhor exalta a Jurema Sagrada mostrando fotos do que realmente eleva a imagem da Jurema, explicando esclarecendo as dúvidas e ensinando com o amor o quanto a Jurema é grandiosa 🙌🙌🙌🙌🙌🙌 gratidão!

Só agradeço por esse padrinho Alexandre lomi lodo pela paciência de repassa os ensinamentos com os pés no chão a cada um dos seus filhos batizado na Jurema para

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/alexandreloomilodo>

em uma emergência. Como fazer e agir com segurança e com responsabilidade pq a Jurema é isso. É socorro e caridade.♥

A sabedoria popular na ciência dos cultos! Viva! 🙌🙌🙌🙌

🙌🙌🙌🙌🙌🙌 maravilhoso o texto faço parte dessas pessoas que também aprenderam a amar respeitar e valorizar essas entidades sagradas. defuma com as ervas da jurema. ...🙌🙌🙌🙌🙌🙌

Quem tem um Encantado desse aí tem tudo e quem fazer por onde fazer o certo sua vida sempre vai ser de fé e prosperidade e caminhos abertos.

É encantado que na Jurema Sagrada cultua essa divindade desse Encantado eu amo esse Malunguinho.

Que infográfico maravilhoso. Eu como neta da diáspora nordestina sinto a Jurema na minha ancestralidade, no território, mas não tenho a ciência. Agradeço demais por seu trabalho de educador ancestral ♥

Linda homenagem, linda arte, lindo registro histórico... Vc e Reis Malunguinho merecem! Tudo lindo!🙌

Para análise, foi escolhida postagem que foi publicada ao mesmo tempo, seja no Facebook ou Instagram. O que pode ser observado é que os comentários deixados nas duas redes sociais se repetem, mas foram selecionados os comentários que tinham mais de uma linha, que vinham com depoimentos de fé e devoção. Parte dos comentários é dos afilhados do terreiro da Casa das Matas do Rei Malunguinho; pode ser observados que existe uma articulação entre os próprios frequentadores e afilhados do QCM, através de grupos privados de WhatsApp. Desta forma “a sociabilidade escalonável não é apenas uma observação de um padrão que se desenvolve em todas as mídias sociais, mas também uma previsão de que novas plataformas colonizarão outros espaços ao longo dessas escalas. (Venkatraman et al., 2019, p. 229).

Quando tem uma postagem, o líder religioso coloca no grupo antes de postar e pede para que todos se mobilizem para fazer essa informação circular seja compartilhando e colocando comentários positivos na publicação para que assim ela alcance o maior número de visualizações possíveis. Em comparação entre os comentários das duas redes sociais, o que pode ser observado é que as postagens do Instagram, mesmo com comentários iguais aos do Facebook, vêm com um pouco mais de informações, como, por exemplo, elogios pelo nível de informação que é colocado na postagem, agradecimentos ao líder religioso, feito tanto por seus afilhados, como por páginas que têm como objetivo falar sobre o culto da Jurema, e pessoas de outros estados que dizem ter interesse em se aprofundar nos rituais de Jurema e suas origens e tradições, já que o culto da Jurema tem uma predominância no nordeste do Brasil.

Para análise, foi utilizado o livro “Como o mundo mudou as mídias sociais”, com pesquisas realizadas em vários países diferentes. Desse modo, apresenta-se um pequeno trecho da introdução do livro:

Este livro pertence a uma série de 11 títulos. Nove são monografias dedicadas a locais de pesquisa de campo específicos. Estes estudos foram publicados no decorrer de 2016 e 2017 no idioma inglês. A série também inclui este volume, nosso livro comparativo sobre todos os achados, e um livro final, que contrasta as imagens publicadas no Facebook pelo público pesquisado nos trabalhos de campo na Inglaterra e em Trinidad e Tobago. Quando mencionamos que escrevemos nove monografias sobre as mídias sociais em todo o mundo, todas usando os mesmos títulos de capítulo (com exceção do Capítulo 5), pode dar a impressão de haver uma potencial repetição. No entanto, se você decidir ler vários desses livros (e esperamos que você o faça), verá que este recurso foi útil para mostrar, de forma precisa, exatamente o oposto. Cada livro é tão individual e distinto como se cada capítulo representasse um tópico completamente diferente. Nossa intenção não é analisar as mídias sociais, considerando-as positivas ou negativas. Em vez disso, o objetivo é educacional, fornecendo evidências detalhadas do que as mídias sociais se tornaram em cada um dos lugares pesquisados e suas consequências, incluindo avaliações especificamente locais (Venkatraman *et al.*, 2019, p. 5).

Desta forma, utilizando esse livro como referência para analisar o objeto de pesquisa proposto, foi observada que o objetivo não é generalizar os resultados encontrados, pois cada lugar, país, estado, cidades urbanas ou rurais, têm suas especificidades. O interesse desta pesquisa, assim como também é encontrado no primeiro capítulo, não é o estudo das plataformas em si, mas quais os conteúdos postados por seus usuários. Ou seja, o discurso e a linguagens que os usuários se apropriam através das mídias sociais para se comunicarem, seja localmente ou globalmente, já que as mídias sociais têm fácil circulação dessas postagens.

O que os autores trazem pode servir para analisar as redes sociais do QCM, o acervo disponibilizados na internet e plataformas digitais. É necessário serem observados os discursos que são divulgados nas redes sociais e as relações sociais construídas através dessas plataformas, Facebook, Instagram, Twitter, YouTube, Lives ou plataformas de transmissões de conteúdo. Nesse caso, já foram analisadas anteriormente em conjunto, pois não havia como separá-las, já que constituem um todo, que interagem e se completam para trazerem informações e divulgarem as atividades realizadas no terreiro, trazendo visibilidade tanto para as práticas da Jurema como para a figura de Malunguinho.

Esta pesquisa não estuda especificamente nenhuma plataforma; trata-se de um estudo sobre o que os usuários postam e comunicam por meio das plataformas, o porquê destas mensagens e quais suas consequências. Acreditamos que o conteúdo que circula pelas mídias sociais seja consideravelmente diferente entre os nove locais pesquisados. O conteúdo manifesta e transforma as relações locais e suas respectivas questões. Assim, nosso trabalho discute tanto como o mundo mudou as

mídias sociais como o quanto as mídias sociais mudaram o mundo (Venkatraman *et al.*, 2019, p. 28).

O livro debate um dos discursos utilizados ao longo do tempo em torno das pesquisas online e off-line, já que, como se pode observar, tanto em leituras como em observação é que as novas mídias sociais estão cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas e como isso interfere e modifica os padrões sociais e as relações sociais na atualidade.

Há dois outros pontos que devemos esclarecer. Quando se começou a estudar a internet, os estudiosos consideravam a existência de dois mundos: o virtual e o real. Atualmente, podemos dizer que não há tal distinção: o online é tão real quanto o offline. As mídias sociais já se tornaram parte integrante do cotidiano. Assim, não faz mais sentido considerá-las de forma isolada, do mesmo modo que ninguém, hoje, consideraria uma conversa telefônica como algo que se passa em um mundo separado da “vida real” (Venkatraman *et al.*, 2019, p. 8).

O que foi analisado neste trabalho de dissertação é justamente a relevância desses discursos em forma de conteúdo, utilizados nessas plataformas, e o efeito que eles têm para seu público. Será que tem a mesma recepção para os praticantes de Jurema que não têm muitas vezes acesso à leitura e o formato de filmes e vídeos facilita a sua circulação (levando em consideração que a grande maioria dos praticantes da Jurema Sagrada, é pessoas idosas que não sabem ler ou escrever, que passam seus conteúdos e sua ciência de forma oral)? O formato em audiovisual facilita a divulgação dessas informações ou o conteúdo que muitas vezes não chega a essas pessoas, seja por não se familiarizarem com leituras, seja por não aceitarem que suas crenças sejam acessadas por todos, onde muitos deles nem vão entender e ao mesmo tempo distorcer suas informações?

É questões que precisam ser refletidas, o que pode ser observado ao longo do tempo de pesquisa no campo, seja QCM ou Casa das Matas dos Reis Malunguinho, é que o QCM é uma instituição que agrega vários setores da sociedade, pois ao mesmo tempo cede seu espaço e reuniões para vários estudiosos e pesquisadores que tem interesse em se aprofundar no conhecimento em torno das religiões afro-indígenas-brasileiras, ou seja, professores, pesquisadores. Foi observado que, apesar de abranger em sua grande maioria pessoas que fazem parte da cultura popular pernambucana e são muito ativas no meio cultural, também se percebe uma grande parcela de pessoas negras adeptas das religiões-afro muitas delas também voltadas para o trabalho cultural no estado de Pernambuco.

Uma das estratégias para fazer com que essa parte da população participe das atividades da casa e tenha sua representatividade dentro da instituição são as premiações de salvaguardar a memória dessas pessoas e sua participação em vídeos e filmes produzidos por

documentaristas e produtores do audiovisual que, em sua maioria, são pessoas brancas que não fazem parte da religião, mas que fazem seus trabalhos dentro das instituições.

A maioria dos trabalhos que retratam o pai de santo/mãe de santo/juremeiros, geralmente, são realizados por pessoas brancas que, de certa forma, assumem a posição de facilitadores, que leva o conhecimento dessa população para as demais pessoas brancas e ricas. Esses trabalhos trazem retorno para os praticantes da religião e que muitas vezes têm uma relevância no estado de Pernambuco, seja por ser um em algum movimento social que luta e reivindica dos governos locais políticas públicas voltadas para a melhoria de vidas dessa parcela da população, seja religioso de prestígio ou por ser ativo no meio cultural.

Desta forma, segundo relatos, o filme foi pensado em conjunto com o QCM para trazer a figura de Malunguinho como um Guerreiro Histórico e divino que é merecedor de todo reconhecimento de sua luta e trajetória da resistência do negro em Pernambuco. O QCM trouxe, através das redes sociais, visibilidade para a religiosidade da Jurema e a figura de Malunguinho no estado de Pernambuco e demais capitais brasileiras. Muitos dos trabalhos realizados no QCM e nas Casas das Matas dos Reis Malunguinhos, desde produções audiovisuais como enredo de encolas de sambas, livros e artigos, em sua grade maioria são realizados por pesquisadores de outros estados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a partir das análises do filme e entrevistas com os atores sociais que estão de frente nas pautas e discussões a respeito da figura de Malunguinho, esse é um objeto de estudo ainda em formação, porque existe muita coisa que precisa ser analisada em pesquisas futuras de modo que se possa compreender e conhecer de fato a historiografia real da luta e reivindicações levantadas pelas lideranças negras do estado de Pernambuco. Ainda que seja grade avanço, a aprovação da Lei Malunguinho, que traz o reconhecimento oficial de Malunguinho na resistência do povo negro em Pernambuco.

O reconhecimento pelo estado, que sempre o retratou como marginal, segundo a documentação oficial disponibilizada no APEJE, é importantíssimo para os representantes dos movimentos negros e para o povo das religiões afro-indígenas-brasileiras. Contudo, principalmente para o povo da Jurema, que tem como o principal líder Malunguinho, demonstrando que o debate vem ganhando espaço através da luta de seus adeptos, mas principalmente através do QMC, que trouxe a questão da Jurema para ser debatida nas redes sociais, ferramenta que vem ganhando destaque nas pesquisas antropológicas.

São as redes sociais ou mídias sociais uma ferramenta que está cada vez mais fazendo parte do dia a dia da sociedade mundial, ditando as regras das relações sociais seja online ou off-line. Logo, é através dessas ferramentas que grupos minoritários estão se reinventando, ganhando espaço e voz, para reivindicar seus direitos, tornando uma forma acessível para todos que pretendem se utilizar de suas ferramentas para divulgar sua fé e luta diária. Sendo assim, uma estratégia que foi mobilizada pelo grupo QCM e seus atores sociais que vem surtindo efeito trouxe não somente práticas da Jurema Sagrada para a visibilidade, mas principalmente a figura de Malunguinho, que sempre esteve presente nos rituais, sendo considerado um dos Reis da Jurema.

Pode-se perceber, também, que a Jurema sempre esteve presente na maioria dos terreiros pernambucanos, mas nunca foi refletida enquanto religião com uma autonomia própria e independente das outras. Em suma, as pesquisas não podem estagnar agora, pois muito ainda precisa ser analisado, principalmente como vai ser essa relação. Tendo em vista que, com a conquista do espaço da Jurema Sagrada e do reconhecimento de Malunguinho, que agora conta com uma Lei em seu nome, essa é uma questão a ser analisada nos próximos anos entre seus adeptos, dado que, ao analisar os discursos dos entrevistados, pode-se verificar que há um conflito de interesses, quando se trata das identidades religiosas, mesmo que para os religiosos não seja interessante falar sobre esse assunto.

O que foi possível perceber é que ainda prevalece um tabu em relação à presença da Jurema dentro das religiões afro, que está começando a ser questionado a partir de reivindicações dos adeptos da Jurema. Conforme pode-se concluir, tanto na observação participante como nas leituras bibliográficas, as religiões afro-brasileiras possuem a característica de agregação de várias outras manifestações religiosas, o que contribui para sua manutenção e conquista por espaço.

Com isso, a construção desta dissertação teve por objetivo analisar a “Preservação da Memória do Patrimônio Cultural do Povo de Terreiro em Pernambuco na época da Virtualidade” de modo a considerar a vivência desta autora na Casa das Matas do Reis Malunguinho. Enquanto adepta e pesquisadora possibilitou um grande conhecimento tanto profissional como pessoal, quando se trata de conflitos internos de assuntos religiosos. A pesquisa proporcionou, ainda, experiências únicas pelo acolhimento em relação construída com os povos de terreiro por meio de histórias que foram compartilhadas e vividas.

Assim sendo, o exposto pode abrir um campo de possibilidades aos interessados no estudo das religiões afro-indígenas-brasileiras, especificamente na construção da figura de Malunguinho, que vem conquistando seu espaço seja no meio acadêmico ou mídia, além dos seus próprios adeptos que começaram a reivindicar seu lugar enquanto religioso juremeiro, podendo ser objeto de estudos futuros.

Por fim, esta dissertação tem por objetivo abrir espaço para novas reflexões sobre o assunto apresentado, podendo trazer novas interpretações que possam estabelecer continuidade ao objeto de pesquisa tratado.

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem: e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 12 maio 2023.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **Liberdade**: rotinas e rupturas do escravismo no Recife - 1822-1850. Recife: Ed. UFPE, 1998.

CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **Liberdade**: rotinas e rupturas do escravismo no Recife - 1822-1850. Recife: Cepe, 2010.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. Conectando os desconectados em tempos de crise. **Panorama Setorial da Internet**, São Paulo, ano 13, n. 1, mar. 2021. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/6/20210423094235/panorama_setorial_ano-xiii_n_1_conectando_os_desconectados_em_tempos_de_crise.pdf. Acesso em: 11 maio 2023.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-120, fev. 2020. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa-serif-a-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/>. Acesso em: 09 maio 2023.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FK Feiticeiro - Catimbó (EP VISUAL). [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (11 min 06 s). Publicado pelo canal FK Feiticeiro. Disponível em: https://youtu.be/mE3wPbIF2As?si=0DLq1xSqUPbWDqL_. Acesso em: 25 jan. 2024.

FONSECA, Danielle. Vereadora evangélica do Recife que criticou culto a Iemanjá presta depoimento no MPPE. **G1**, São Paulo, 02 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/vereadora-do-recife-que-criticou-culto-a-iemanja-presta-depoimento-no-mppe.ghtml>. Acesso em: 16 fev. 2024.

GARONE, Taís Diniz. **Mapeamento das redes dos povos e comunidades de matriz africana e de terreiros**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018.

GEERTZ, Crifford. **1926 - A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HERSKOVITS, Melville J. Pesquisas etnológicas na Bahia. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 4-5, p. 89-106, 1967. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/aa.v0i4-5.20355>. Acesso em: 10 maio 2023.

HERZFELD, Michael. Mídias. In: HERZFELD, Michael. **Antropologia: prática teórica na cultura e na sociedade**. São Paulo: Vozes, 2014.

LACERDA, Nara. Intolerância religiosa: "Brasil vive negação de direitos", afirma especialista. **BdF**, São Paulo, 21 jan. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/21/intolerancia-religiosa-brasil-vive-negacao-de-direitos-afirma-especialista>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LARKIN, Brian. Políticas e poéticas da infraestrutura. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 24, v. 31, n. 2, p. 28-60, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2020.249895>. Acesso em: 10 maio 2023.

LEITE, Daniel. Michele Collins pede desculpas após ato contra Iemanjá. **Folha de Pernambuco**, Recife, 06 fev. 2018. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/michele-collins-pede-desculpas-apos-ato-contraiemanja/5450/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LIMA, Henrique Falcão Nunes de. **Malunguinho na aula é Reis: perspectivas para uma educação contra colonial**. 2022. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/4332>. Acesso em: 10 maio 2023.

L'OMI L'ODÒ, Alexandre. **Juremologia: uma busca etnográfica para sistematização de princípios da cosmovisão da Jurema Sagrada**. 2017. 276 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/933>. Acesso em: 10 maio 2023.

L'OMI L'ODÒ, Alexandre. Kipupa Malunguinho recebe menção honrosa no 4º Prêmio Ayrtton de Almeida Carvalho, de Preservação do patrimônio Cultural de Pernambuco 2018. **Alexandre L'Omi L'Odò, Discussões Negras e Indígenas**, Olinda, 14 ago. 2019. Disponível em: <https://alexandrelomilodo.blogspot.com/2019/08/kipupa-malunguinho-recebe-mencao.html>. Acesso em: 16 abr. 2023.

L'OMI L'ODÒ, Alexandre. Malunguinho, Negro Guerreiro/Divino de Pernambuco. **Alexandre L'Omi L'Odò, Discussões Negras e Indígenas**, Olinda, 20 jul. 2008a. Disponível em: <https://alexandrelomilodo.blogspot.com/2008/07/malunguinho-negro-guerreirodivino-de.html>. Acesso em: 15 abr. 2023.

L'OMI L'ODÒ, Alexandre. Nhô Caboclo e o elo perdido. **Alexandre L'Omi L'Odò, Discussões Negras e Indígenas**, Olinda, 01 set. 2020a. Disponível em: https://alexandrelomilodo.blogspot.com/2020/09/nho-caboclo-e-o-elo-perdido_19.html. Acesso em: 12 abr. 2023.

L'OMI L'ODÒ, Alexandre. Malunguinho, primeira Divindade Negra Espiritual a ter uma lei estadual!. **Alexandre L'Omi L'Odò, Discussões Negras e Indígenas**, Olinda, 30 jul. 2008b. Disponível em: <https://alexandrelomilodo.blogspot.com/2008/07/primeira-divindade-negra-espiritual-ter.html>. Acesso em: 12 abr. 2023.

L'OMI L'ODÒ, Alexandre. Seminário Malunguinho 185 anos vivo na alma de um povo. **Alexandre L'Omi L'Odò, Discussões Negras e Indígenas**, Olinda, 15 set. 2020b. Disponível em: <https://alexandrelomilodo.blogspot.com/2020/09/seminario-malunguinho-185-anos-vivo-na.html>. Acesso em: 13 abr. 2023.

MALUNGUINHO - documentário para TV. Direção: Felipe Peres Calheiros. Produção executiva: Diego Medeiros. Roteiro: Felipe Peres Calheiros, Paulo Sano e Sérgio Santos. Produção: Natali Assunção e Andrenalina. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (47 min 42 s). Publicado pelo canal Malunguinho Filme. Disponível em: https://youtu.be/SHWQ5Ou-_hg?si=cS2bH3b1dirCnf8A. Acesso em: 25 set. 2023.

MALUNGUINHO - curta-metragem. Direção: Felipe Peres Calheiros. Produção executiva: Diego Medeiros. Roteiro: Felipe Peres Calheiros e Paulo Sano. Produção: Natali Assunção e Andrenalina. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (14 min 52 s). Publicado pelo canal Malunguinho Filme. Disponível em: <https://youtu.be/DIniUTu3Z3g?si=TjOEshDLyJFMpjrS>. Acesso em: 25 set. 2023.

MILLER, Daniel *et al.* **Digital anthropology**. Londres: Berg, 2012.

MOTTA, Roberto. A Jurema do Recife: religião indo-afro-brasileira em contexto urbano. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia (Orgs.). **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 279-299.

NOGUEIRA, Amanda Mansur Custódio. **O novo ciclo de cinema em Pernambuco**. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17015>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PEREIRA, Fabiana. Os movimentos modernistas e regionalistas e seus impactos na institucionalização da antropologia pernambucana. In: CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; PEREIRA, Fabiana Maria Gama; MATOS, Silvana Sobreira de (Orgs.). **A nova escola de antropologia do Recife: ideias, personagens e instituições**. 1. ed. Recife: Editora UFPE, 2017. p. 38-65.

PINTO, Clécia Moreira. **Saravá Jurema Sagrada: as várias faces de um culto mediúnico**. 1995. 211 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17015>. Acesso em: 22 abr. 2023.

QUILOMBO CULTURAL MALUNGUINHO. **IV Kipupa Malunguinho, Coco na Mata do Catucá 2009**. Olinda, 2009. Disponível em: <https://qcmalunguinho.blogspot.com/search?q=Kimbundo>. Acesso em: 02 maio 2023.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. São Paulo: Nacional, 1940.

RECIFE. Lei nº 18.592, de 15 de março de 2019. Institui no calendário oficial do Recife a Semana Municipal da Vivência e Prática da Cultura Afro-Indígena Pernambucana. **Diário Oficial do Estado**: seção 1, Recife, PE, 15 mar. 2019. Disponível em: <http://leismunicipa.is/yrfoa>. Acesso em: 12 maio 2023.

RIBEIRO, Ren . **Cultos afrobrasileiros no Recife**: um estudo de ajustamento social. Recife: Boletim do Instituto Joaquim Nabuco, 1952.

RODRIGUES, Michelle Gonçalves. **Da invisibilidade   visibilidade da Jurema**: a religião como potencialidade política. 2014. 204 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/12063>. Acesso em: 16 abr. 2023.

SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da Jurema: a tradição dos mestres juremeiros na Umbanda de Alhandra. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 15, n. 1, p. 99-122, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23612>. Acesso em: 02 maio 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Religiões afro-brasileiras: construção e legitimação de um campo do saber acad mico. In: CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro; PEREIRA, Fabiana Maria Gama; MATOS, Silvana Sobreira de (Orgs.). **A nova escola de antropologia do Recife**: ideias, personagens e instituições. 1. ed. Recife: Editora UFPE, 2017. p. 66-105.

STAR, Susan Leigh. A etnografia da infraestrutura. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 24, v. 31, n. 2, p. 61-85, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2525-5223.2020.249896>. Acesso em: 15 abr. 2023.

VAILATI, Alex. Novos cenários para as pequenas mídias: para uma exploração etnográfica do cinema de família. In: FERRAZ, Ana Lúcia Marques Camargo; MENDONÇA, João Martinho de (Orgs.). **Antropologia visual**: perspectivas de ensino e pesquisa. Brasília: ABA, 2014. p. 253-279.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Nacional, 1955.

VENKATRAMAN, Shriram *et al.* **Como o mundo mudou as mídias sociais**. 1. ed. São Paulo: PerSe, 2019.